

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade Federal de São Paulo  
Campus Guarulhos

**GRAFITE HIP HOP E PROCESSOS DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA ENTRE  
JOVENS MORADORES DO BAIRRO PIMENTAS, GUARULHOS.**

Proponente: Paula Harumi Kakazu

Professora orientadora: Prof. Dra. Andréa Claudia M. M. Barbosa

Guarulhos – SP

2012



## **Sumário**

RESUMO .....	4
Introdução.....	5
Que juventude é essa?.....	12
Hip Hop e cultura juvenil .....	14
O grafite e o contexto atual.....	18
Grafite nas cidades.....	20
Grafite no Pimentas .....	23
O Primeiro dia .....	24
Projeto: É tudo nosso! .....	25
Projeto: Escola de Hip Hop itinerante .....	29
Trajetória individual .....	31
Nos muros do Pimentas .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
AGRADECIMENTOS .....	44
BIBLIOGRAFIA .....	45
ANEXOS .....	47

## **RESUMO**

Esta pesquisa de Iniciação Científica buscou analisar se o jovem, morador da periferia, ao entrar em contato com o hip hop e com o grafite ligado a este movimento cultural passa a se ver como sujeito político como afirmam muitos estudos sobre esta prática cultural. Esta pesquisa teve como foco perceber se ocorre este processo de transformação política e social a partir do estudo com jovens moradores do Bairro Pimentas, Guarulhos. O campo de pesquisa esteve centrado nas oficinas de grafite que ocorreram no bairro e também em entrevistas realizadas com ativistas do movimento Hip Hop.

### **Palavras- Chave**

Antropologia Urbana, Grafite, Juventude, Guarulhos.

## Introdução

*O jovem objetivando reafirmar a sua identidade (étnica e geracional) ao mesmo tempo em que reconhece a possibilidade de participar das relações sociais, exibindo suas opiniões na música ou simplesmente no estilo do grupo, consegue investir em seu autoconhecimento, faz pesquisas bibliográficas, organiza-se em grupos políticos, faz leitura de seu objetivo fundamental, politiza-se, instrui-se e deixa de ser um mero rapaz sem grandes perspectivas de futuro. (ANDRADE, 1997 apud MENDONÇA, 2002, p. 69).*

Foi a partir desta idéia e da leitura do artigo citado na epígrafe acima que passei a questionar sobre uma possível transformação social e política que pode ou não acontecer com o jovem ao entrar em contato com o Hip Hop e as suas expressões artísticas: o grafite, a dança (o break), a música (o rap).

O artigo ao qual me refiro chama-se: “Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o Hip Hop” de Viviane Melo de Mendonça Magro (2002). Em meio à diversidade cultural juvenil existente na atualidade a autora destaca o movimento Hip Hop, onde os jovens participantes são considerados protagonistas de seu próprio processo educativo e também sujeitos críticos e de ação em relação ao campo social. No trecho da epígrafe a autora destaca o papel das chamadas Posses, grupos de grande relevância nos anos 90. Estas discutiam questões relacionadas à conquista dos direitos de cidadania e ações coletivas com os jovens. Estes grupos mantinham contato com as entidades do movimento negro, para juntos trabalhar questões ligadas a pobreza, discriminação racial, drogas, violência e etc.

Portanto, o objetivo das Posses não era apenas o lazer e a diversão, mas também de informar, conscientizar os jovens da sua situação social, e de sua possível atuação na sociedade.

E nos dias atuais? Como ocorre os processos de ensinamento e prática do Hip Hop? Será que a transformação política e social pretendida e operante nos anos 90 ainda ocorre? São estas questões que me provocaram a realizar esta pesquisa.

Tenho consciência de que em cada jovem o processo irá reverberar de maneira diferente, mas o que move esta pesquisa é investigar o processo em si o como se dá ou não o surgimento de um jovem crítico, politizado, mobilizado a partir do contato com as oficinas de grafite.

Neste trabalho me dediquei a estudar os jovens moradores do bairro Pimentas da cidade de Guarulhos que entraram em contato com o grafite ligado ao movimento Hip Hop.

A escolha do grafite não foi aleatória, esta arte foi escolhida, pois a sua presença no espaço público causa discussões e impressões em todas as pessoas que vêem a arte, independente de classe social, raça e religião. É diferente do que acontece com as outras práticas culturais do Hip Hop, quando se trata da dança ou da música as pessoas interessadas vão a um local específico onde irá ocorrer a prática para apreciá-la. No grafite é diferente, a expressão se dá em espaço público, é para todos que passam pela cidade. As pessoas não escolhem ver o grafite elas convivem com o grafite todos os dias.

Segundo Ricardo Campos (2010) em Nova Iorque, o grafite estava ligado à expressão musical do movimento Hip Hop, ele dialogava com o espaço urbano, com a cidade contemporânea e muitos símbolos e imagens desta prática refletiam as divergências sociais e culturais, as relações de poder e diversas dimensões da vida coletiva. Algo que até hoje impulsiona a prática desta arte é a sensação de transgredir as convenções sociais, por via de um ato de insubordinação porque *“violam as expectativas da cultura que pré determina, num texto como o da cidade, como e quando o seu tempo e espaço podem ser utilizados”* (RAMOS, 1994 *apud* CAMPOS, 2009, p. 20).

De acordo com William da Silva e Silva (2006, p.6), dentro da prática do Hip Hop, é fundamental estar sempre em ação, debater as idéias. Quando o grafite é pintado em um espaço público é levantada junto a esta prática cultural a possibilidade de diálogos sobre o assunto retratado pelo artista, sobre a relação entre a pintura e seu suporte, entre sua pintura e as pessoas que interagem com ela. A arte provoca o próprio artista, o espectador e até mesmo as autoridades públicas.

*Na ideologia hip-hopiana é fundamental estar no campo da ação. Idéias que não são debatidas são fracas; idéias que não circulam são infrutíferas, sem dialética. Assim, o graffiteiro hip-hopiano faz de cada pintura sua uma página de um livro, que conta as mais variadas histórias para abrir a mente do leitor, seja para o amor, seja para a política, economia, para a sociedade em seus múltiplos aspectos ou o mais importante, para si em seu íntimo. O graffiteiro por vezes vai além e fala também para si próprio e a pintura jogada no muro torna-se um eco que retorna num outro tom. Existe uma dialética entre autor-obra-autor, que o graffiteiro hip hopiano exercita ao expressar um desabafo, um protesto ou qualquer outra finalidade que inserir na parede. (SILVA, W. S., 2006, p. 6).*

O Hip Hop surge nos bairros periféricos de Nova Iorque nos anos 60/70, e expressava o contexto de dificuldades por qual passavam os jovens moradores das periferias da cidade, que em sua maior parcela eram latinos, jamaicanos e afro-americanos. Nesta época o país passava

por diversas transformações sociais e econômicas que prejudicavam ainda mais a vida destes jovens.

O grafite com Spray surgiu na França, nos muros de Paris em maio de 1968, representando a manifestação política da população (FERREIRA, 2006). Ele foi incorporado ao movimento Hip Hop depois que jovens dos bairros periféricos de Nova Iorque passaram a espalhar as suas tags (assinaturas) pelos muros e trens das cidades. Estas tags foram consideradas pelos outros jovens moradores das periferias como forma de expressão do isolamento em que viviam (SILVA, J.C.G., 1998).

*Desta forma, os jovens passaram a grafitar nomes próprios e símbolos das crews nos espaços públicos e nos locais mais inacessíveis da cidade. Portanto, o grafite surge reivindicando o espaço público como lugar de expressão das identidades políticas confinadas nos guetos. (SILVA, J. C. G., 1998, p. 49)*

Esta prática cultural se desenvolveu esteticamente com as Crews, grupos de jovens dos bairros periféricos de Nova Iorque que competiam entre si por espaços na cidade para imprimir seus nomes, suas tags. Apesar da competição estes grupos eram solidários entre si, trocavam experiências, livros, se ajudavam (SILVA, J. C. G., 1998).

Os trens e metrô eram os alvos das ações das Crews, esta escolha não era feita ao acaso, tratava-se de uma escolha estratégica para que mais e mais pessoas olhassem os grafites. Os trens percorriam todo o território metropolitano, assim o grafite seria visto por muitas pessoas de diferentes lugares (IDEM).



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Fotos do Livro Subway Art de Martha Cooper e Henry Chalfant, sobre o grafite em Nova York.

No Brasil os primeiros grafites surgiram entre 60 e 70 nos muros de São Paulo, neste período o Hip Hop ainda não era reconhecido como um movimento no país, portanto, a primeira geração de grafiteiros não tinha contato com o Hip Hop e não existiam relações entre as primeiras intervenções e o movimento. O pioneiro no grafite em São Paulo foi Alex Vallauri. Com suas pinturas “as botinhas” e “a rainha do frango assado” esta arte se popularizou na cidade. Alex foi influenciado por nomes internacionais como Keith Haring, Basquiat e Kenny Scharf, estes, assim como Alex, em pouco tempo passaram das ruas para as galerias de arte moderna. (LARAH, 1996).



Imagem 5



Imagem 6

A partir de Vallauri surgiram outros grafiteiros todos integrantes da classe média paulistana, não é por acaso que as primeiras pinturas nos muros de São Paulo foram feitas nos bairros de Vila Madalena, Pinheiros e Bela Vista. (FERREIRA, 2006)

Posteriormente, no fim dos anos 80, surgiu o movimento Hip Hop em São Paulo, o principal ponto de encontro dos integrantes foi o Largo São Bento, lá surgiram os principais representantes do movimento e também nos muros próximos ao Largo surgiram as primeiras tags. Frequentavam este espaço pessoas que hoje são referências do grafite Hip Hop, Os



Gêmeos, que assinavam inicialmente como Tico e Teco, Speto e Binho (FERREIRA, 2006, p.26).

A partir de então o grafite se manifestou no Brasil, os artistas de rua passaram a ensinar esta prática cultural aos jovens, seja no contato direto com os praticantes de rua ou, como hoje também é comum, no aprendizado em oficinas de projetos culturais patrocinados por órgãos públicos.

Como proposta teórico-metodológica de investigação utilizei os termos “Projeto individual” e “Projeto social” de Gilberto Velho (1981) como chaves de entendimento deste processo. Pois, os jovens pesquisados são fruto de uma sociedade complexa moderna industrial, de acordo com o conceito de Gilberto Velho (1981).

A sociedade complexa caracteriza-se por ser uma sociedade na qual a divisão social do trabalho e a distribuição de riquezas definem categorias sociais distinguíveis com continuidade histórica, sejam classes sociais, estratos ou castas. A noção de complexidade também traz a idéia de uma heterogeneidade cultural, ou seja, coexistência de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc. Já a sociedade complexa moderna industrial é aquela que se caracteriza pela Revolução industrial, pela acentuada divisão do trabalho, o aumento de produção e consumo, à articulação de um mercado mundial e o rápido e violento processo de crescimento urbano. As sociedades complexas industriais abrangem maior número de indivíduos devido ao desenvolvimento das forças produtivas. Os avanços tecnológicos permitiram maior disponibilidade de alimentos e também uma menor taxa de mortalidade. Como resultado disso houve um aumento da população, que é uma das marcas que caracteriza uma sociedade complexa moderna industrial. A existência de uma cidade com milhões de habitantes só pode ser compreendida dentro do quadro surgido da Revolução industrial. A grande Metrópole é, portanto, a expressão por excelência, desse modo de vida (VELHO, 1981)

A sociedade complexa moderna industrial oferece aos indivíduos uma multiplicidade de instituições sociais. Para lidar com esta situação o sujeito precisa passar por uma individualização radical que surge desta necessidade do indivíduo ser obrigado a mover-se e manipular instituições, dimensões e mundos diferentes e por vezes contraditórios.

Este processo de individualização (IDEM) não se dá fora de normas e padrões, por mais que a liberdade individual seja valorizada. Quando este processo rompe com as fronteiras simbólicas de determinado universo cultural, tem-se uma situação de desvio.

Portanto, a possibilidade da existência de projetos individuais está relacionada à como o indivíduo lida com esta ambigüidade fragmentação-totalização. Este projeto individual está fortemente ligado ao sujeito e será elaborado de acordo com os seus gostos, preferências e sua visão de mundo, baseada na sua própria experiência singular de relação com o mundo e com o social. Não existe, portanto, um projeto individual “puro”, livre de influências do outro ou do social. Os projetos são elaborados em função de experiências sócio-culturais, de um código de vivências e interações interpretadas.

O projeto não é puramente subjetivo, formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente. Caracteriza-se por ser algo que pode ser comunicado, ele precisa expressar-se através de uma linguagem que visa o outro, portanto, é potencialmente público.

*Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. Há uma linguagem, um código através do qual os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação (VELHO, 1981, p. 27).*

Em uma sociedade complexa moderna a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes mundos ou esferas da vida social se misturam, interpenetram ou entram em conflito. Portanto, o projeto individual é formado a partir das experiências e relações sociais adquiridas pelo sujeito ao longo da vida e ele estará sempre em processo de transformação, nunca estará definitivamente acabado.

Partindo dessas idéias iniciais sobre a relação indivíduo/sociedade e valendo-se da observação participante como ferramenta metodológica, a pesquisa focalizou oficinas realizadas no bairro Pimentas e entrevistas com artistas, procurando perceber como as relações sociais e as experiências adquiridas por estes jovens, moradores do bairro Pimentas, influenciam na formação e transformação do seu projeto individual ao ponto de provocar neles outra visão em relação à sociedade e em relação ao lugar que eles ocupam dentro dela. Por meio desta experiência em sua totalidade o jovem poderá criar um novo projeto individual e expressá-lo através do grafite que em si já carrega a necessidade de ser público assim como a idéia de projeto trabalhada aqui.

Para compreender o processo de construção de possíveis projetos individuais destes jovens nos pareceu importante pesquisar o contexto social no qual eles estão inseridos. Neste sentido, investiguei o contexto onde os jovens pesquisados estão inseridos através da articulação entre estudos bibliográficos que esclareçam sobre a condição do jovem nas

periferias no Brasil e a experiência do trabalho de campo. Parto da idéia inicial de que este grupo é caracterizado por ter basicamente a mesma condição juvenil <sup>1</sup> e condição social.

O Hip Hop, de acordo com os termos de Gilberto Velho, pode ser considerado um Projeto Social, pois é um movimento que mobiliza muitos projetos individuais em torno de si. Esta aderência ao movimento depende de uma percepção e vivência de interesses comuns que podem ser os mais diversos, classe social, vizinhança, partido político, etc. A eficácia simbólica do Projeto Social, de acordo com Gilberto Velho (1981) dependerá do instrumental simbólico que puder manipular, dos paradigmas que estiverem relacionados, da capacidade de difusão de sua linguagem. Quando os projetos sociais são capazes de envolver grupos de interesses, é necessário reconhecer que nestes projetos sociais existe uma riqueza simbólica e um grande potencial de transformação (VELHO, 1981).

Portanto, o Hip Hop se caracteriza como um Projeto Social, pois tem uma carga simbólica de grande relevância e por isso reúne em torno de si jovens com interesses comuns.

*Na medida em que um projeto social represente algum grupo de interesse, terá uma dimensão política, embora não se esgote a esse nível pois a sua viabilidade política propriamente dependerá de sua eficácia em dar sentido às emoções e sentimentos individuais. (VELHO, 1981, p. 33)*

Nesta pesquisa foi possível investigar três meios de difusão deste Projeto Social, ou seja, difusão do Hip Hop para os jovens do bairro dos Pimentas: A partir de instituições ligadas à políticas públicas da Prefeitura de Guarulhos; os autônomos, indivíduos que foram ensinados no “boca a boca”, nas ruas e com outros praticantes; e também Projetos desenvolvidos e executados por pessoas diretamente ligadas ao movimento Hip Hop. A pesquisa atuou no sentido de fazer uma comparação entre estes diferentes meios de propagação e observar as relações criadas pelos jovens, seja entre eles mesmos, ou entre jovens e adultos e perceber qual a eficácia simbólica alcançada por esses meios de propagação do Hip Hop no sentido de criar instrumentos para que os jovens possam elaborar um novo projeto individual com potencial de transformação política e social, a partir do momento que eles se vêem como sujeitos atuantes na sociedade. É essa transformação que procurei averiguar em campo.

Esta experiência vivida pelo jovem em contato com os ensinamentos do Hip Hop e do grafite vai de encontro a idéia desenvolvida por Gilberto Velho que acredita que quanto mais exposto estiver o ator social a experiências diversas, quanto mais tiver que dar conta de visões

---

<sup>1</sup> De acordo com Juarez Dayrell “condição juvenil” se refere ao contexto social e cultural ao qual o jovem se constituiu como jovem, assim, um jovem nascido na periferia não terá a mesma condição juvenil de um jovem de classe média.

de mundos diferentes, quanto mais ele esteja disposto a diversas relações sociais que saiam do seu cotidiano, melhor será a auto percepção de sua individualidade singular, o que irá resultar em uma melhor elaboração de um projeto. (VELHO, 1981). É isso que ocorre nas oficinas, e no convívio com grupos autônomos, o jovem entra em contato com outras pessoas com aquelas que têm uma vida semelhante a sua ou com as pessoas que já praticam há tempos o grafite e tem uma forma de vida diferente. Este contato lhe propicia outros conhecimentos que poderão ir de encontro, ser contra ou acrescentar idéias aos seus projetos individuais, sofisticando mais, dessa forma, a sua auto percepção e, conseqüentemente, a elaboração do seu projeto.

Para compreender esse processo, acompanhei algumas oficinas e, permaneci atenta para as relações que estavam sendo criadas naquele momento no decorrer da aprendizagem no contato entre arte-educador com os jovens e realizei entrevistas com pessoas que à tempos estão envolvidas com esta prática cultural. Com as entrevistas consegui perceber na fala das pessoas as relações e experiências que julgaram importantes e que lhe proporcionaram uma nova percepção de mundo, percepção esta que os transformaram em sujeitos mais críticos em relação a sociedade. Nesse sentido, nessas entrevistas o rememorar o passado não era um fim mas sim, uma possibilidade de nova articulação dos fatos de forma que faça sentido e seja significativo para o que o interlocutor quer mostrar. A lembrança era criada de acordo com os instrumentos que se tinha a disposição no presente.(BARBOSA, 2006). Relações estas que fizeram parte da construção de um novo projeto individual do sujeito.

Com outras entrevistas pude comparar diferentes situações em que pessoas do movimento ensinavam Hip Hop e grafite aos jovens, porém ensinavam de formas diferentes, em diferentes projetos e portanto a relação dos alunos com Hip Hop também foi diferente.

### **Que juventude é essa?**

Em seu trabalho Juarez Dayrell (2003) tenta compreender os jovens como sujeitos sociais e, como tais, constroem um modo próprio de ser jovem, baseados no seu cotidiano.

A juventude é uma condição social, mas ela é conhecida, no senso comum, como a fase de transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, onde completa o seu desenvolvimento físico e psicológico. Porém a forma como cada sociedade vai lidar com essa

fase irá variar de sociedade para sociedade dependendo dos seus valores sociais, culturais, geográficos, etc. (DAYRELL, 2003 )

Para Dayrell, portanto, a juventude não é apenas uma fase da vida. O início da juventude é caracterizado pela fase onde o indivíduo, a partir do desenvolvimento biológico, adquire determinadas potencialidades como, por exemplo: capacidade de procriar, ser menos dependente da proteção familiar, assumir maiores responsabilidades, etc. Este primeiro momento, onde se vive mais intensamente esta fase de mudanças biológicas, psicológicas e sociais caracteriza a adolescência. Porém adolescência e a juventude são processos que se iniciam, mas não findam, pois, muitas destas transformações que caracterizam mudanças dos ciclos vitais, serão estáveis na vida do indivíduo. Portanto a juventude é parte de um processo mais amplo na constituição de sujeitos. É um conjunto de experiências singulares do sujeito em contato com o meio social, juntamente com os processos biológico e psicológico que lhe ocorrem, que passam a fazer sentido para ele e lhe ajuda na construção da sua identidade, dependendo do momento da vida em que se encontra.

Assim, a juventude não é apenas um processo de gerenciamento das mudanças do corpo físico, mas também, de definir mundos sociais, com características e prerrogativas especiais. (CAMPOS, 2010)

Desta forma, o cotidiano, a troca e o compartilhamento de experiências a partir das relações sociais, suscitam transformações significativas que fazem o sujeito se identificar com o meio social, construindo assim a sua “condição juvenil”.

Se a condição juvenil esta baseada no desenvolvimento das potencialidades do sujeito pela soma de experiências sejam estas individuais ou coletivas, então também podemos dizer que é mediante esta condição que são formados e transformados os projetos individuais do sujeito. Portanto, tem sido de extrema importância nesta pesquisa averiguar o sentido que tem para os jovens estar em contato com outras pessoas, criar diferentes relações sociais.

Para Dayrell (2003) a constituição plena do ser humano depende tanto do seu desenvolvimento biológico, quanto da qualidade das trocas subjetivas entre os indivíduos dentro do meio social em que estão inseridos. É possível assim concluir que o desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano depende também da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Porém, existem diversas maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos “contextos de desumanização” (DAYRELL, 2003, p.43), onde o próprio contexto social não coopera para que o indivíduo desenvolva plenamente as suas potencialidades.

*“Não que os sujeitos não se construam como sujeitos sociais ou que façam isso pela metade, mas eles se constroem como sujeitos de acordo com os recursos que dispõem. Talvez apresentem um modo próprio de viver.” (IDEM).*

Ao nascer o jovem é inserido em uma estrutura social já pronta, que não foi produzida por ele. Desta maneira, as questões de gênero, raça, o fato de seus pais não terem uma boa qualificação no campo do trabalho, muitos pais apresentam baixa escolaridade, e outros fatores, vão interferir na sua produção como sujeito social, independentemente da ação de cada um. Porém, através do cotidiano esses jovens entram em um conjunto de relações e processos que vão fazer parte de um sistema de sentidos, que lhe dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. Portanto, é no nível do grupo social, onde os indivíduos se identificam pelas formas singulares de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, que se produz uma cultura própria. (DAYRELL, 2003)

*Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém. (DAYRELL, 2003, p.43/44)*

É assim que o Hip Hop atua na vida dos jovens, como mais uma possibilidade onde o jovem pode se relacionar com outras pessoas e adquirir novas experiências pessoais e assim se constituir como sujeito social.

### **Hip Hop e cultura juvenil**

O Hip Hop, como já mencionei antes, surge em meio a uma América do Norte pós-industrial, entre 60 e 70, que passava por grandes transformações políticas e tecnológicas. Alguns itens que caracterizam este período são: Competição da economia global, grande revolução tecnológica, surgimento das multinacionais e como consequência novas formas mundiais de divisão do trabalho.

Tais mudanças dificultaram ainda mais a vida dos moradores das periferias do país (em sua maioria de origem jamaicana, latina e afro-americana), pois impactaram diretamente nas ofertas de empregos e *“(...) levaram as últimas consequências as já existentes formas de discriminação racial e de gênero, contribuindo, assim, para o crescimento do controle*

*corporativo das multinacionais, das condições de mercado e da saúde da economia nacional*” (ROSE, 1997, p.195).

Aumentando ainda mais o quadro de desigualdades sociais já existentes no País.

Esta nova cultura surge como forma que os jovens das periferias das cidades encontraram de negociar esta experiência de marginalização. Havia falta de políticas públicas para a obtenção de equipamentos de lazer. O movimento Hip Hop e esta “falta” de equipamentos, promoveu aos seus praticantes uma nova apropriação dos espaços: urbano, cultural, material e educacional desta sociedade pós- industrial.

Os jovens através do Hip Hop criaram, assim, uma identidade alternativa, que se caracterizava pela moda, linguagem, os nomes de ruas e o grupo do bairro ao qual estavam vinculados. Esta identidade refere-se à experiência local e específica e ao apego a um status em um grupo local ou família alternativa. Este grupo pode ser considerado como uma proteção perante as dificuldades encontradas na vida em um bairro periférico. Existe competição entre os grupos por prestígio e fama. Os artistas do movimento, rappers, grafiteiros, dançarinos adotam novos nomes que ressalta alguma característica pessoal e é através desta nova identidade que ganham popularidade e prestígio e adquirem de maneira legítima o status social (GUASCO, 2001).

Existe o diálogo e certa comunhão entre os elementos do Hip Hop, Kool Herc<sup>2</sup>, por exemplo, antes de ser discotecário era grafiteiro e dançarino de Break. Existem grafiteiros que produzem discos de rap, outros que desenham para fazer uma homenagem ao seu rap preferido. Os dançarinos de Break, DJs e Rappers usam roupas pintadas pelos grafiteiros. Nos eventos Hip Hop os grafiteiros desenham murais para os palcos dos DJs e produzem também os pôsteres e panfletos dos eventos.

Em relação à dança, o breakdance, sua formação e desenvolvimento fizeram-se através da contribuição dos jovens excluídos dos bairros periféricos de Nova York, portanto, contou também com a ajuda dos latinos. O Hip Hop não surgiu como uma manifestação homogênea do ponto de vista étnico e cultural, seus participantes e contribuintes têm diversas descendências: latinos, caribenhos, afro-americanos, etc. (SILVA, J.C.G.,1998).

As ruas, que eram o palco privilegiado da ação do Hip Hop, passaram a ser desde então, lugar de transformações sociais, se antes eram caracterizadas por serem vazias por conta da segregação social e do medo, após a apropriação dos jovens ligados ao movimento tornaram-

---

<sup>2</sup> Seu nome verdadeiro é Clive Campbell, jamaicano que trouxe do seu país a técnica das sound system, grandes aparelhos sonoros utilizados nas festas de rua da Jamaica, para os Estados Unidos. Foi um dos precursores do movimento hip hop.

se locais mais vivos com as cores do grafite e privilegiados para os momentos de lazer, com a apresentação de breakers e rappers, e de aprendizado, tornava-se sala de aula para principiantes e mestres dos elementos do movimento.

O desenvolvimento de novas tecnologias colaborou profundamente para a formação de novas culturas juvenis. Através deste desenvolvimento foi possível criar materiais audiovisuais e meios de comunicação eficientes para a propagação destes materiais que divulgaram as diversas culturas juvenis do e para o mundo, inclusive a cultura Hip Hop. Assim houve a propagação e troca de símbolos culturais e estes foram sendo adotados em novos contextos para re significar a realidade local. Por isso podemos dizer que para cada local do mundo onde o Hip Hop foi adotado, existe uma maneira diferente de se pensar o Hip Hop, e esta maneira irá variar de acordo com a comunidade, com os seus costumes e crenças, não existe no mundo um movimento igual aquele que se iniciou em Nova York. Porém, ao adotar o Hip Hop não é possível pensar nele sem pensar nas suas raízes, ou seja, o contexto das periferias de Nova York (CAMPOS, 2010).

No Brasil nos anos 80 o movimento Hip Hop teve a aderência dos jovens, refletiu sobre a realidade das periferias das grandes cidades do país, tendo como foco a luta contra o preconceito (contra mulato, nordestino, favelado, etc) e o racismo. No Brasil o movimento ganhou mais um elemento, a “conscientização”, dando sentido e unidade aos outros elementos e envolvendo todos os praticantes. O objetivo era de conscientizar os jovens e fazer com que eles refletissem sobre as suas práticas. (FERREIRA, 2006).

Portanto, em meio ao cenário difícil apresentado a estes jovens moradores das periferias, composto de fragmentação das instituições familiares, violência urbana, tráfico de drogas, desemprego, etc. O Hip Hop se apresenta não apenas como lazer, mas também como um sistema orientador através do qual os jovens adquirem autoconhecimento em relação ao processo social e promovem intervenções no plano mais imediato através das suas formas artísticas, o rap, o grafite e o break. (SILVA, J.C.G., 1998).

Nos anos 80 destacaram-se os primeiros representantes da cultura Hip Hop no Brasil, eles dançavam break, entre eles estavam Nelson Triunfo, Thaíde & DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Racionais MC's, Os Jabaquara Breakers, Os gêmeos. Eles dançavam na rua 24 de maio porém, após conflitos com os lojistas e policiais se mudaram para o Largo São Bento, considerado o marco zero do Hip Hop no Brasil. Em 1988 foi lançado o primeiro disco nacional de rap denominado “Hip Hop cultura de Rua” pela gravadora Eldorado, neste momento de ascensão do rap assumia na prefeitura de São paulo uma gestão petista que muito contribuiu para a formação de grupos que difundiam a cultura Hip Hop (RODRIGUES, 2009,



p.56). Em 1989 foi criado o MH20, movimento Hip Hop organizado, dirigido por Milton Salles, produtor dos Racionais Mc. Este movimento foi o responsável pela difusão do hip hop no Brasil pois, definiu as gangues e posses e suas respectivas funções (ROCHA; DOMENINICH; CASSEANO, 2001 *apud* FOCHI, 2007) .

Nos anos 90, estes protagonistas do Hip Hop no Brasil organizaram as chamadas Posses. São espaços de trocas que reúnem grupos de rap, breakers e grafiteiros e os jovens aprendizes destas práticas com o intuito de trocarem experiências e aperfeiçoar a forma artística adotada e também a troca de informações sobre a cultura de rua. Os representantes organizavam festas e atividades artísticas como alternativas para que os jovens não sucumbissem aos efeitos perversos do sistema socioeconômico (desemprego, drogas e violência) e também outras festas eram organizadas como forma de ação direta em torno da cidadania, festas beneficentes, que promoviam campanhas de prevenção a AIDS, etc. Este equilíbrio entre a esfera política e de aperfeiçoamento artístico, sempre foi o objetivo das posses, porém nem todas conseguiram manter ou alcançar este equilíbrio.

*As posses e, especialmente, os grupos de Rap começaram a alcançar visibilidade no início dos anos 90 no Brasil, sendo caracterizados por ações coletivas bem definidas de conscientização política e exercício da cidadania. As posses mantêm contatos com entidades do movimento negro (do Brasil e do exterior), participam de eventos, simpósios e congressos promovidos por essas entidades, e se propõem a trabalhar com a questão racial, a pobreza, as drogas e a violência da sociedade brasileira; e incentivam e procuram conhecer as biografias de personalidades negras, elaboram panfletos com o resumo destas biografias e as distribuem nos pontos de encontro da juventude negra.(ANDRADE, 1997*apud* MAGRO, 1999).*

Ao participar de uma posse os jovens aprendiam uma arte, informava-se sobre o movimento, trocavam experiências, apresentavam seus trabalhos e divulgavam suas atividades nos bairros. A partir desta auto-organização era possível ajudar os jovens a lidar com as questões referentes a esta realidade social e reelaborar a sua experiência através da arte e traduzindo esta experiência como forma de autoconsciência frente ao processo de segregação, preconceito e violência acirrados na vida paulistana dos anos 90 (SILVA, J.C.G, 1998).

Os discursos relacionados ao movimento são estruturados a partir da produção artística e da organização política através das posses, essas duas características são totalmente diferentes das tradicionais formas de reivindicações sociais feitas pelas associações de moradores, um

tipo de organização política bastante presente desde os anos 80. O movimento Hip Hop torna-se o porta voz desta condição juvenil. (SILVA, J.C.G., 1998).

### **O grafite e o contexto atual**

Assim como nos mostrou Campos (2010), pesquisar nas metrópoles significa trazer novas questões para a pesquisa antropológica, existe a necessidade de reequacionar a idéia de distância geográfica e cultural. Antes o campo da antropologia tradicional era espacial e temporalmente circunscrito, havia um determinado lugar com determinada cultura própria. Nas grandes metrópoles as culturas dialogam entre si em escala global, são influenciadas e influenciam umas as outras.

É importante ressaltar que junto à globalização existe também a indústria cultural, esta se aproveita da fase da juventude, que a partir do período pós-guerra, tem como uma de suas características o tempo livre. Esta fase é onde os jovens criam a sua individualidade por meio de suas práticas, assim esta fase na vida dos jovens torna-se um campo de investimento afetivo, econômico ou simbólico. A indústria cultural e os meios de comunicação de massas inserem no mercado diversos bens materiais e simbólicos voltados para os jovens, lhes garantido visibilidade, e expressão da sua individualidade. Neste mercado o jovem tem maior autonomia em relação aos adultos, portanto, sentem-se mais livres para fazer suas escolhas. A indústria cultural junto aos meios de comunicação divulga estilos, tendências, estéticas e ideologias ao difundirem práticas relacionadas ao lazer (CAMPOS, 2010). Quando um estilo vira tendência para os jovens e representa um grande mercado consumidor para a indústria, logo, as práticas e símbolos são apropriados pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa e passam a atuar dentro dos mercados. Não foi diferente com a prática do grafite Hip Hop.

No início em Nova Iorque, esta pratica artística e cultural era vista como produto de outsiders, de transgressores da ordem, numa sociedade onde a maior parte da população rejeitava esta arte.

Houve reações do poder público para combater a transgressão dos artistas, foram criados painéis específicos para uso exclusivo dos grafiteiros, muitos grafiteiros quando pegos em ação em locais não autorizados eram fichados e em caso de reincidência eram obrigados a apagar a pintura sua ou e de outros. As autoridades locais dificultaram a venda do material

utilizado na pintura e até mesmo revestiram as paredes de NY com uma película plástica que se lavava o grafite com um poderoso componente químico (SILVA, J.C.G., 1998). Mesmo com todos estes empecilhos a prática do grafite teve prosseguimento, especialmente nos bairros: Harlem, Bronx e Brooklyn.

O grafite contemporâneo não é igual aquele dos anos 70 em Nova York. Frente ao processo de expansão e da globalização, que levou os signos desta pratica a outros territórios geográficos, houveram transformações significativas quando outras comunidades aderiram ao grafite os seus signos e significados. *“De um modelo cultural relativamente coerente, coeso e estanque, partilhado e defendido por um número restrito de membros, passamos a uma proliferação de protagonistas, com interesses, objetivos e posturas diversificadas.”* (CAMPOS, 2010, pp.109-110)

Aos poucos e com o desenvolvimento de novos e eficientes meios de comunicação o grafite e o Hip Hop foram se difundindo pelo mundo tornando-se um conjunto de símbolos significativos para muitos jovens do mundo todo, assim, seus símbolos foram sendo incorporados também ao mercado e a arte do grafite passou a ser vista em cinemas, publicidades e também nas galerias de arte.

A institucionalização do grafite é uma questão polêmica na medida em que, para alguns, ao entrar para o mercado e sair da esfera da rua e, portanto da transgressão o grafite perde o caráter político, pois, a rua é um espaço símbolo de confronto com as autoridades locais. Quando o grafite é institucionalizado existem regras a serem seguidas:

*São espaços em que o grafite tende a reeducar-se no sentido mais sujo do termo, seja na pesquisa, na extensão, nas exposições, no comércio ou nas falas tautológicas de seus legisladores. Sua força se anula diante da kriptonita capitalista e espetacular das modas contemporâneas. (PINHEIRO, 2007, p.317).*

É preciso lembrar que em um contexto geral a institucionalização do grafite representa apenas uma porcentagem do que ocorreu com alguns grafiteiros e, portanto, não significa que de agora em diante esta prática irá perder por completo seu caráter transgressor ou de contestação política. (PINHEIRO, 2007)

Muitos grafiteiros atuam nos dois espaços, nas galerias de arte e nas ruas, assim, não perdem totalmente o caráter transgressor. Em conversas com alguns grafiteiros e pichadores da região do bairro Pimentas, foi possível perceber que o caráter de transgressão não esta naquilo que é desenhado na parede, mas sim, no ato de desenhar algo em uma parede pública.

Portanto se tal artista efetua também seu trabalho nas galerias de arte, pouco importa para a comunidade que pratica o grafite, desde que ele tenha atuação e fama nas ruas.

Em seu estudo Campos percebeu que:

*Raramente, um writer independentemente da vertente a que se dedica mais afincamente, recusa, por uma questão de principio, as ofertas de trabalho remunerado que possam eventualmente surgir. Em primeiro lugar, por uma questão de ordem prática. O dinheiro sempre é bem vindo. Em segundo lugar, por uma questão de ordem simbólica. Quer os trabalhos em tela, quer as encomendas profissionais para trabalhos de decoração, refletem geralmente, a ascensão e influencia do writer. Em termos individuais, a maior visibilidade e o maior prestígio são, não raras as vezes, acompanhados por uma maior dedicação a atividades de condição ambivalente, tendo por objetivo, mais ou menos confesso, a aquisição de recompensas financeiras ou simbólicas. (CAMPOS, 2010, p.139).*

É possível perceber que apesar das diversas transformações pelas quais o grafite tem passado no mundo desde os anos 70, esta arte de rua ainda esta presente nos muros das cidades. Hoje, a sociedade em geral, convive de maneira mais pacífica com ela. Existem grafiteiros que pintam a cidade apenas no sentido de deixá-la esteticamente mais bela, porém, ainda existem grafiteiros que pintando os muros da cidade, transgridem as regras que a ordenam e abrem novos espaços de discussão política e social.

## **Grafite nas cidades**

Tendo em vista os mais importantes meios de comunicação na sociedade, por exemplo, televisão, rádio, jornais, internet. É possível perceber que a comunicação pública é regrada e disciplinada pelas instâncias do poder, os que possuem voz são: o Estado, a publicidade e outras autoridades excluindo, portanto, o cidadão comum deste campo. Assim, a cidade e suas ruas, por serem públicas podem ser tomadas como um espaço que possibilita a comunicação entre cidadãos comuns, pois é um território que não é totalmente controlado pelas instâncias de poder (CAMPOS, 2010).

O espaço da metrópole passa então a ser campo de disputas de símbolos e signos visuais diversos, vindos da publicidade e propaganda, do Estado, informativos, avisos, marcas das subjetividades de alguns cidadãos, entre outros. (ALMEIDA, 2008).

Quando tratamos da comunicação dentro do espaço das cidades não podemos nos esquecer dos seus muros, estes têm um significado simbólico essencial para o estudo aqui proposto. Por ser acessível a todos, o muro representa um poderoso instrumento de comunicação sobre o qual as instâncias do poder tentam exercer seu controle através da lei.

Simbolicamente os muros também representam aparelhos governamentais utilizados para regular o espaço e a sua população, definindo espaços, lados, discriminando assim quem está do lado de dentro e quem está fora, produzindo reverberações sociais (CAMPOS, 2010).

Portanto, a cidade e os seus muros são espaços privilegiados para a comunicação principalmente visual entre as pessoas. Indivíduos e grupos se apropriam de determinados espaços e lhes dão significado imprimindo seus discursos. Possibilitando, assim uma variedade infindável de signos e significados visuais e conseqüentemente, uma memória não apenas de seu espaço físico, mas também simbólico (IDEM).

Podemos dizer que os jovens participam na formação destes signos visuais, eles são ao mesmo tempo produtores e consumidores dos bens simbólicos de natureza visual. Nesta produção tem-se um trabalho criativo com competências sociais e culturais. Existe também um diálogo entre domínios de estética e política, pois estes signos tornam-se armas discursivas que dão sentido ao mundo (IDEM).

Através da prática do grafite, os jovens mostram-se capazes de atuar nas cidades, imprimindo nelas os seus símbolos e significados, a sua subjetividade e mostra também o seu protesto político ao confrontarem a ordem estabelecida.

*Palavras de ordem, assinaturas, bonecos, autocolantes, rabiscos, são armas expressivas nesta conversão do espaço em meio comunicativo. Estas são, todavia, elocuições marginais, sem lugar na cidade disciplinada. O graffiti é, então, uma forma de poluição, simboliza a impureza, entrando em conflito com a noção de ordem, devendo ser relegada a periferia da civilidade e dos lugares socialmente admissíveis. (CAMPOS, 2010, p. 214).*

Portanto, os praticantes de grafite exploram os espaços da cidade, utilizam seus muros e suportes para mostrar o seu discurso, falando sobre si e o mundo. Discursos estes de natureza política uma vez que pode servir para: afirmar uma identidade, marcar território ou para dizer simplesmente “estou aqui!”.

*“Você coloca seu nome nos muros. Mesmo sendo somente um nome, isso continua sendo um ato político. Você sai dos subúrbios e diz que existe. É um ato político de fato.” (entrevista no livro Por trás dos muros, 2008, p. 43) <sup>3</sup>*

Todo grafiteiro precisa adotar um novo nome, ou seja, assumir outra identidade, isso se faz por meio da criação de uma tag, um nome ou apelido criado pelo grafiteiro, que o

---

<sup>3</sup> Quem diz isto é Jon Reiss – Cineasta esteve na 31ª Mostra internacional de cinema em São Paulo com o documentário Bomb It (2007), sobre a explosão da cultura do grafite no mundo.

identifique junto aos seus pares e ao mesmo tempo o deixe no anonimato em relação às autoridades públicas.

A tag terá que ser amplamente divulgada no espaço público e não apenas isso, mas o grafiteiro precisa trabalhar artisticamente em cima dela, e neste sentido elevá-la sempre a uma categoria superior para assim ter reconhecimento e fama.

A fabricação de uma tag é de extrema importância para um aprendiz do grafite, principalmente para os jovens marginalizados, uma vez que o reconhecimento dos valores artísticos de sua tag em meio à comunidade do grafite, além da fama também lhe traz a valorização da auto-estima e uma nova forma de expressar os sentimentos.

O grafiteiro Ota que ensina a prática do grafite fala sobre este processo de ensino e aprendizagem:

*Assinatura é a valorização da auto-estima. É a forma de encontrar um pouco de si mesmo. No começo gosto de trabalhar com isso, buscar um nome, tentar desenhar. Ensinei uma técnica simples de desenho e quero buscar o que ele (o aprendiz) pode mostrar ali. Às vezes o cara vem fechadão. Tem um sofrimento de vida, cada um tem o seu. O desenho é a oportunidade dele se mostrar para mim dentro do tempo dele. (Entrevista no livro Por trás dos muros, 2008, p.40) <sup>4</sup>.*

Assim, a tag e o grafite são meios de se expressar e expressar os sentimentos em um espaço público de comunicação, aqui o jovem consegue o seu lugar, o seu espaço de fala e de denúncia, saí das margens da sociedade e se mostra:

*O graffiti é um espaço de berro, de grito e afirmação. É um espaço de fala, mas não é bem um diálogo. Exatamente porque ainda não existe espaço para o diálogo. Nosso problema é esse: nós não conseguimos construir ainda uma organização da nossa sociedade em que o diálogo tenha um papel estruturante. Nossas regras são construídas por poucos, para poucos. Não incluem a maioria e suas demandas nas suas diversidades. Tem sempre uma tensão colocada. E quem fica de fora, excluído desta ordem, está berrando. Tem várias formas de dar o berro, e uma delas é o graffiti. (entrevista no livro Por trás dos muros, 2008, p. 33) <sup>5</sup>.*

---

<sup>4</sup> Quem diz isto é Ota- Otávio Fabro Boemer, artista plástico, grafiteiro há dez anos e educador do Projeto Quixote com atuação junto as crianças da Cracolândia.

<sup>5</sup> Quem diz isto é Raquel Rolnik- Urbanista, professora universitária e consultora em política urbana e habitacional.

## **Grafite no Pimentas**

O campo de estudo e observação desta pesquisa é o bairro Pimentas, distrito localizado na cidade de Guarulhos. Em seu trabalho, Bárbara Cristina Sá (2010, p.7), nos mostra alguns dados de Guarulhos destacando que ela é a segunda maior cidade do Estado, e a maior cidade não capital. Está em oitavo lugar em relação a economia do país e apresenta uma população de 1.299,283 pessoas, de acordo com o CENSO 2009 sendo a cidade mais populosa de São Paulo. Encontra-se a apenas 17 km da capital, o que a coloca em uma posição estratégica em relação a outras cidades da região metropolitana de São Paulo, porém existe também uma relação de dependência.

O bairro Pimentas é o mais populoso de Guarulhos, mas só nos últimos anos tem sido foco das políticas públicas da cidade. O bairro Pimentas aqui é chamado de bairro, porém ele é bem mais que um bairro, ele abriga outros bairros menores como: Jardim Leblon, Jardim centenário, Parque Jurema, Sítio São Francisco, e muitos outros. (MATOS, 2011).

Ao fazer uma comparação entre 2008, ano em que iniciei a faculdade, e agora em 2012, é evidente o crescimento e as transformações do bairro, tanto no que se refere a investimentos públicos como em infra-estrutura urbana. Porém, isto não significa dizer que não há problemas urbanísticos e sociais a serem enfrentados. O grande crescimento não foi acompanhado por um planejamento que desse conta dos problemas que contraditoriamente traz.

Iniciei a minha busca de interlocutores para a pesquisa através da internet, em sites de busca fui procurando anúncios de oficinas de grafite no bairro Pimentas, me deparei a princípio com um projeto, intitulado: “É tudo nosso: Garantindo Direitos e Promovendo Talentos”. Este era organizado pela Coordenadoria da Igualdade Racial da Prefeitura de Guarulhos. A proposta era oferecer diversos cursos relacionados ao mercado de trabalho (oficinas de redação, orientação profissional, matemática, etc.) e também oficinas de Hip Hop (Grafite, Break, Beat Box, Conhecimentos gerais) estas oficinas seriam dadas aos alunos no período de Março à Novembro de 2011, com direito à entrega de um certificado para aqueles que cumprissem todas elas. A divulgação principal do projeto aconteceu no centro da cidade de Guarulhos, porém a sua execução se deu no bairro Pimentas, pois ali, de acordo com a prefeitura, teria o maior índice de adolescentes em situação de vulnerabilidade social dentro da cidade.

## O Primeiro dia

Através do contato com uma das coordenadoras do projeto, a Sali, soube que haveria um dia de apresentação do projeto lá no Pimentas, no endereço: Estrada do Capão Bonito, 64, próximo ao conjunto habitacional Marcos Freire. Com o endereço em mãos e o telefone de contato da Sali no meu celular fui até o local indicado. Achei a Estrada do Capão Bonito, mas não encontrava o número 64. Em meio a esta procura avistei o CIC- Centro de Integração e Cidadania, é espaço da prefeitura de Guarulhos onde são oferecidos diversos cursos e serviços para a população local, não tive dúvidas de que seria ali o local. Porém, estava com outra numeração, e quando perguntei para uma das recepcionistas, ela não sabia sobre tal evento. Nem ela e nem os seguranças que ali estavam trabalhando. Disseram-me para ir até a Casa da Juventude a algumas quadras dali, fui até lá, quando cheguei, o local se assemelhava a uma escola pública, pude ver uma quadra, onde havia jovens jogando futebol. Perto do portão de entrada estavam duas senhoras que aparentemente eram as responsáveis pela limpeza do local, perguntei a elas se sabiam sobre algum evento de Hip Hop que poderia estar acontecendo naquele momento e naquele local. Elas se entreolharam e deram risada e uma delas me respondeu: “Minha filha, já faz muito tempo que nada acontece aqui! Temos só um grupo de capoeira e esses meninos que ficam jogando futebol o dia todo”. Agradei e saí de lá, os minutos iam passando e estava preocupada, pois não poderia perder o evento.

Resolvi ir até outras duas escolas públicas próximas dali, e nas duas obtive a mesma resposta, que ninguém sabia sobre o evento. Tentei ligar para a Sali, mas a pessoa que atendeu não sabia quem era ela e me disse para ligar mais tarde. Voltei até a Estrada do Capão Bonito novamente, andei até o final dela, procurando pelo número 64. Não achei e tomei a decisão de retornar ao CIC, ao chegar disse à recepcionista que o evento só poderia estar ocorrendo ali. Ela pediu que eu me dirigisse ao CRAS- Centro de Referência e Assistência Social, lá dentro do CIC mesmo, para pedir informações.

Chegando ao balcão do CRAS perguntei para a atendente sobre o evento de Hip Hop, esta também não soube me informar e me perguntou sobre o endereço e quando eu disse que o local indicado tinha o numero 64, então ela falou: “Ah! É aqui mesmo, é que a prefeitura mudou o número, mas a gente ainda não...” Então ela se lembrou de um evento que estava acontecendo que era relacionado à Coordenadoria da Igualdade Racial. Finalmente, pude ir até a sala onde o projeto estava sendo apresentado para os jovens.

Este episódio mostra que o projeto: “É tudo Nosso!” foi muito pouco divulgado para os jovens da região, e até mesmo as instituições ligadas à juventude próximas ao CIC, como as



escolas, a Casa da juventude e o próprio CIC, não tinham conhecimento sobre a sua realização no Pimentas.

### **Projeto: É tudo nosso!**

Existiam duas turmas que faziam parte do projeto “É tudo nosso!”, e freqüentavam as segundas e terças os encontros no CIC, uma no período da manhã, das 8:30hs às 12:00 hs e outra no período da tarde das 13:30 hs às 17:00hs. As duas turmas eram formadas por jovens de 15 a 17 anos, na turma da manhã poucos alunos compareciam, uma média de 5 a 6 alunos por encontro, já na turma da tarde havia uma média de 8 a 10 jovens por encontro.

Acompanhei as oficinas de grafite e de Hip Hop - conhecimentos gerais dos dois períodos, porém, freqüentei mais a turma da tarde. Nesta última, a princípio, a sensação que eu tinha era de estar em uma sala de aula do colegial, existiam as chamadas “panelinhas”, o pessoal que se sentava à frente, que geralmente eram os mais dedicados, a galera do “fundão”, que são os bagunceiros e faladores e as pessoas que ficavam no meio e que não eram nem quietas demais e nem bagunceiras demais. No início das aulas foi possível perceber todos estes grupos bem definidos, quem era de um, quase não falava com a pessoa do outro grupo e vice-versa. Porém, com o decorrer do curso e pela razão também de terem poucos alunos, o entrosamento deste grupo foi grande. Os materiais, por causa da ausência de recursos, tinham que ser divididos ou revezados, portanto, todos tinham que trabalhar em equipe o que gerou união e cumplicidade entre eles. Ao final do curso, aquele que era visto como o que mais prestava atenção e era o mais comportado, estava conversando com o bagunceiro da turma do fundão e os dois respeitavam as suas diferenças.

A primeira oficina que acompanhei foi a de grafite, que acontecia as terças-feiras, com o oficinairo Thiago, mais conhecido como Guinho, este, tinha um ótimo entrosamento com os jovens. No início foi um pouco mais difícil, algumas alunas o desrespeitavam, ao ouvirem músicas no celular com o fone de ouvido enquanto Guinho tentava explicar algumas técnicas do grafite ou ao conversarem em tom que atrapalhava as aulas. Porém com o tempo, tendo em vista que a oficina teve a duração de seis meses com um encontro semanal, estas mesmas alunas passaram a respeitá-lo e formou-se ali uma grande amizade. Esta relação mais próxima entre os alunos com o Guinho foi concretizada assim que o professor saiu dos discursos técnicos e foi direto para a prática, onde os alunos partiam para a ação, de desenharem em

folhas de papel sulfite e criarem painéis com cartolina. No princípio as aulas tinham uma sequência, primeiro falava-se de alguma técnica do grafite, depois era proposta uma atividade no papel sulfite com a técnica ensinada e nos quinze minutos finais da aula, Guinho ensinava alguns passinhos de break. Porém, esta sequência não foi seguida até o fim do curso, depois as aulas passaram a ser quase 100% práticas. O professor ensinava a técnica ao mesmo tempo em que praticava. Nas primeiras aulas foram dadas técnicas para desenhar as letras, primeiro na forma de bolha, depois a forma 3D de escrever, técnicas de preenchimento das letras e desenhos com recortes de jornais e revistas, depois os alunos foram aprendendo a ampliar os desenhos em outras superfícies, por último aprenderam a técnica do Estêncil, que seria criar fôrmas de desenhos com papel canson e com a utilização destas fôrmas e Sprays, ou tinta, seria possível imprimir aquele desenho em alguma superfície.

O tempo todo na oficina foi possível perceber a falta de alguns recursos materiais para a aplicação de uma oficina de grafite com qualidade. No início havia a informação que haveria um muro para os jovens grafitarem, porém ao final da oficina a possibilidade do muro não fora mais cogitada, os alunos não tiveram contato com o Spray. Como trabalho final, eles estamparam camisetas com a técnica do estêncil e tinta guache.

Dentro daquilo que os organizadores do projeto pediam para as oficinas de Guinho estavam apenas as técnicas do grafite, já que havia uma outra oficina que tratava do contexto mais amplo do Hip Hop, que seria a oficina Hip Hop, conhecimentos gerais. Portanto, nas atividades que Guinho precisava cumprir com os jovens não estava incluindo um debate acerca do Hip Hop. No entanto, nas conversas informais entre o educador e os jovens, sempre havia um espaço para um debate sobre religião, cor, raça, drogas, violência, cotidiano, etc. Foi possível perceber a troca de experiências, os alunos ouviam o educador, questionavam-lhe algumas opiniões, pensavam, discutiam. E a discussão não ficava apenas entre um determinado indivíduo e o professor, muitas vezes o debate se propagava para vários jovens presentes. Portanto, nesta troca de informações e experiências foi possível observar a formação ou transformação dos projetos individuais dos jovens ao entrar em contato com outro indivíduo que tem um projeto individual diferente do seu, neste caso o Guinho. Em conversa com um jovem, ele relatou que estava muito feliz e que gostou da oficina de grafite e aprendeu que “o Grafite não é vandalismo e sim um modo de se expressar.”

Durante as conversas com Guinho, os alunos discutiam sobre assuntos ligados a afirmação de diferentes identidades, culturais, sociais, em meio às discussões era possível perceber que diversos preconceitos eram quebrados, e assim havia uma maior aceitação daquilo que para eles era diferente. Por exemplo, em uma conversa sobre religião, alguns

alunos referiam-se a Umbanda de modo vulgar, dizendo que lá tinham apenas “macumbeiros”. Guinho que conhece diversas pessoas ligadas a Umbanda, disse aos jovens que não era bem assim, explicou que macumbeiro não é a pessoa que faz a prática de atos religiosos espíritas ou práticas semelhantes a feitiçarias, simpatias, etc. Mas sim que macumba é o nome de um tambor e que os macumbeiros são os tocadores da macumba. E disse também que a Umbanda é uma religião como qualquer outra e deveria ser respeitada. Assim surgiu espaço para a discussão e alguns jovens tiveram acesso a um diferente pensamento sobre esta religião, ampliando seus conhecimentos acerca deste assunto. Portanto, através da afinidade entre o educador e os jovens criou-se um espaço de discussão sobre cultura e sociedade.

Em seu trabalho, Campos (2009) mostra que na visão do poder público o grafite tem uma representação bicéfala, por um lado é apreciada a genialidade e criatividade dos jovens artistas e por outro existe a violência causada pela rebeldia dos jovens ao interferirem em espaços não autorizados. Assim, por um lado as autoridades tentam acabar com os grafiteis não autorizados, por outro ele serve como estratégia de domesticação. Tenta-se conduzir o grafite para locais disciplinados, legalizados. Retirando desses jovens o poder de usar as suas imagens livremente na cidade.

Porém ao acompanhar as aulas percebi uma ambigüidade sobre esta colocação de Campos, pois, lá não existia um diálogo consistente no que diz respeito ao surgimento do grafite, sobre a sua relação com o Hip Hop, e nem sobre a questão da transgressão. No contato entre educador e jovem existia um espaço para o debate político, onde diversas inquietações poderiam vir à tona e serem discutidas. Mas não podemos esquecer que para o poder público que financia e realiza a oficina, esta representa um instrumento de domesticação dos jovens e o educador contratado não poderá incentivar essas inquietações e transgressões diretamente.

A oficina “Hip Hop - conhecimentos gerais” tinha como oficinairo Gildean Silva, mais conhecido como Panikinho<sup>6</sup>. Nesta oficina os jovens discutiram sobre a questão racial, sobre o cotidiano da periferia, tudo isto previsto pela programação do curso. Porém foi apenas uma aula de discussão destes temas, num total de quatro encontros. Não tocaram na questão do Hip Hop em si, não falaram da sua origem, dos seus meios de expressão através da arte.

Nas outras três aulas os jovens aprenderam a fazer vídeos a partir das mídias que possuíam, por exemplo, o próprio celular. Foram feitos dois vídeos, um da turma da manhã cujo tema era sexo e o uso do preservativo e outro da turma da tarde com o tema escola.

---

<sup>6</sup> Este apelido surgiu porque na infância ele gostava muito de uma música dos Racionais Mc's, chamada “Pânico na Zona Sul”, daí, os amigos o apelidaram de Panikinho.

Panikinho apresentou aos alunos uma crônica “Matemática de Favela”<sup>7</sup> e também uma música dos Racionais Mc’s “Acho que ouvi alguém me chamar”<sup>8</sup>, a partir disso explicou o que era uma crônica, ou seja, um texto que fala sobre o cotidiano do autor e iniciou uma conversa. Na turma da manhã, surgiu o assunto sobre o uso do preservativo, e descobriu-se que muitos jovens utilizavam o lubrificante do preservativo para deixar o tênis mais bonito ou até mesmo no banco do carro ou da moto mais brilhante. Fez-se então um vídeo de conscientização dos jovens sobre a utilização do preservativo, brincando com esta nova utilidade praticada. Na turma da tarde o tema relevante foi a escola, foi feito um vídeo mostrando as escolas do bairro com fotos das salas de aula, o pátio das escolas, tentando mostrar o quão importante é a escola na formação das pessoas..

A proposta do educador é interessante, pois, era mostrar aos alunos que com seus próprios equipamentos (o celular no caso) eles poderiam fabricar um vídeo sobre o assunto que quisessem e depois colocar este vídeo em local público, a internet. Porém, como havia falta de recursos, a oficina tornou-se maçante, pois havia um único computador que era do educador e enquanto uma pessoa que poderia ser o educador ou um dos jovens, fazia alguns efeitos no vídeo os outros ficavam sem ter o que fazer apenas observavam, talvez, por isso que muitos jovens abandonaram a oficina<sup>9</sup>. A relação entre os jovens e Panikinho não era de tanta proximidade quanto nas aulas de Guinho, isso porque Guinho tivera muitos encontros com eles, enquanto Panikinho apenas quatro encontros.

O que eu observei nas duas oficinas foi que as duas criam espaços e instrumentos de expressão para os jovens. Porém, senti a falta de maior articulação entre o Hip Hop como um movimento social - que discute as questões raciais, de classe social, de periferia- e o grafite como instrumento de expressão deste movimento. Este figurava somente na proposta divulgada, mas não nas aulas. Nos trabalhos de grafite elaborados pelos jovens existe a ausência destas discussões acerca do Hip Hop, estes foram pautados nas técnicas aprendidas, na criatividade e possibilidade de cada um e não em símbolos ou questões do movimento Hip Hop. Diferente do que aconteceu em outro projeto “Escola de Hip Hop itinerante”, onde Panikinho, o mesmo que deu aulas de Hip Hop- conhecimentos gerais, no “É tudo nosso!”, foi um dos idealizadores e coordenadores.

---

<sup>7</sup> Texto em anexo

<sup>8</sup> Letra da música em anexo

<sup>9</sup> No início do curso participavam cerca de quinze alunos no período da tarde, nas últimas aulas apenas cinco alunos compareceram aos encontros.



Camisetas estampadas pelos alunos do Projeto: É tudo nosso.

### **Projeto: Escola de Hip Hop itinerante**

Infelizmente, não pude acompanhar este projeto de perto, pois quando realizei a pesquisa ele já tinha acabado, porém, ao entrevistar Panikinho, pude ter acesso aos detalhes sobre a sua execução<sup>10</sup>. De acordo com a entrevista realizada com Panikinho o Projeto foi elaborado a partir de uma “identificação” entre ele, Gildean Silva, na época estudante de pedagogia e Janaína Maria Machado, estudante de letras, ambos ativistas do movimento Hip Hop, na época os dois trabalhavam como estagiários na CONE- Coordenadoria dos Assuntos da População Negra – órgão governamental criado em 22 de dezembro de 1992, pela Lei Municipal 11.321. Atualmente, a CONE está vinculada à Secretaria Municipal de Participação e Parceria (SMPP), da Prefeitura do Município de São Paulo. Naquela gestão o Coordenador deu-lhes a oportunidade de construírem juntos um projeto de Hip Hop para o

---

<sup>10</sup> Tenho consciência de que as formas de acesso à experiência utilizadas são bem diferentes, na primeira pude observar e cotejar os discursos de vários agentes envolvidos e também suas práticas, na segunda tenho apenas a versão que é dada por um único indivíduo.

atendimento de Jovens nas periferias de São Paulo com a proposta de inclusão de temas ligados à lei 10.639, ou seja, trabalhar com a sensibilização da importância das culturas Africanas e Afro-brasileiras na Educação. Assim, seguiram-se seis meses de elaboração do projeto: “Escola de Hip hop itinerante”. Porém com a mudança da gestão da prefeitura, houve também mudança do coordenador do CONE, este novo gestor não quis dar continuidade ao projeto.

Por isso, o projeto “Escola de Hip Hop itinerante” foi apresentado para a Prefeitura de Guarulhos no final de 2009 e aprovado em 2010. Após todas as dificuldades burocráticas, iniciou-se a busca por oficinairos, estes foram escolhidos pelos dois, Panikinho e Janaína, que já conheciam alguns deles, outros, porém, foram indicados. Toda semana havia reuniões entre os oficinairos e os coordenadores do projeto onde discutiam sobre o que estava sendo passado para os jovens e como estava sendo feito. Discutiam as questões do método pedagógico e também sobre questões relacionadas aos direitos das crianças e do adolescente (ECA).

Diferente do que aconteceu com o “É tudo nosso!”, onde os próprios oficinairos relataram que não aconteciam reuniões pedagógicas, portanto, um não sabia o que o outro estava ensinando para os alunos. E tanto eu, como os próprios jovens do “É tudo nosso!” percebemos que mesmo durante o decorrer das oficinas muitos oficinairos ainda estavam em processo de contratação e por esse motivo, em alguns dias os jovens foram dispensados por não ter alguém para dar aulas. Porém, é preciso lembrar que estas eram as primeiras turmas do projeto “É tudo nosso!” e, portanto, estavam mais sujeitas a dificuldades como essas.

O público alvo do “É tudo nosso!” eram jovens com vistas no mercado de trabalho, já no projeto “Escola de Hip Hop itinerante” eram jovens que gostariam de aprender as expressões artísticas do movimento Hip Hop, interessava neste último falar sobre o movimento e sua atuação na sociedade principalmente no que se refere ao movimento negro, pois esta era a proposta do projeto. A “Escola de Hip Hop itinerante” passou por diversos bairros periféricos de Guarulhos, inclusive no bairro Pimentas, no próprio CIC e também em algumas escolas e conjuntos habitacionais da região. Através dos desenhos grafitados, a maior parte nos muros do CIC, resultado do projeto “Escola de Hip Hop itinerante”, pude observar que eles se utilizaram do desenho, da pintura, para imprimir na parede as discussões levantadas pelo Hip Hop, como por exemplo, a valorização da auto-estima, a questão da raça, identidade, etc.



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

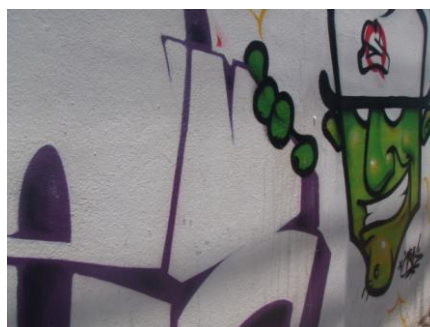


Imagem 10

Grafitos que resultaram da oficina de grafite do Projeto: Escola de Hip Hop Itinerante.

## Trajatória individual

Anderson Novaes, mais conhecido como Magoo ou Ilegal, é grafiteiro e morador do bairro Pimentas há mais de vinte anos <sup>11</sup>. É interessante, pois ele tem um início de carreira peculiar. Nos anos 80 ele praticava a pintura em paredes, fazia grafites sem saber o que era o grafite e sem saber do movimento Hip Hop como um todo, no início chegou a pensar que era o pioneiro na arte de desenhar em paredes e muros.

Magoo era muito tímido até os seus dezoito anos, portanto, o papel e a caneta, que poderia ser uma simples caneta “bic”, eram o seu refúgio, seu mundo. Nem sempre seus desenhos eram coloridos, até porque as condições sociais não permitiam que ele obtivesse canetas coloridas, então seus desenhos eram mais monocromáticos.

Tudo começou nos anos 80, quando na escola todos os seus colegas e ele eram apaixonados por história em quadrinhos, Ilegal conta que certa vez quis desenhar a capa do HQ dos super heróis da Marvel, chamado Secret Wars de 1988, porém a revista pertencia ao

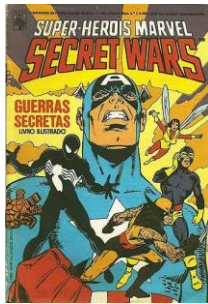
---

<sup>11</sup> Esta parte da pesquisa está baseada em entrevista realizada com Magoo.

seu irmão. Ele não tinha papel vegetal então pegou uma de folha de sulfite e óleo de cozinha, colocou o sulfite em cima da revista e derramou óleo de cozinha na folha, assim ela ficou transparente e ele conseguiu desenhar a capa da revista, seu irmão ficou furioso, pois a capa da revista ficou estragada. Na escola todos os amigos tinham pastas com desenhos, Magoo foi mostrar o seu mais novo desenho para os seus colegas, estes lhe disseram frases como:

-Nossa! Isto tá muito feio!

-Olha aquele bracinho! E o cabeção? Que desproporcional!



A partir de então Magoo decidiu: “Na boa, sabe o que eu vou fazer? Vou criar o meu desenho e aí eu quero ver alguém falar alguma coisa, quero ver alguém falar que esta errado!”. Então ele começou a fazer o seu próprio desenho, deu início ao seu estilo e quando era questionado sobre algo ele respondia que era daquele jeito porque o desenho era dele e era assim que fazia. Por exemplo, às vezes alguém comentava:

- Que legal! Mas por que tem esse pescoço?

Magoo respondia:

- Ah! Porque é meu!



Imagem 11

Foto de trabalho feito por Magoo no Pimentas



Magoo relatou que nos anos 90, quando adolescente (12 anos) pichava com canetão os suportes da escola (muros, carteiras, cadeiras, etc.) junto com a sua turma. Na época era coisa de menino, eles nem sabiam o porquê estavam pichando, apenas sabiam que aquilo estava neles, fazia parte deles. A maior parte da turma não se envolveu mais com a pichação, foram trabalhar com outras coisas, mas para Magoo a pichação teve continuidade e tomou grandes proporções na sua vida.

Em 95 começou a pintar nas ruas, porém ele não tinha nenhuma referência artística, suas referências eram os seus desenhos e a pichação, ao contrário do que aconteceu com a maior parte dos artistas de grafite, que foram influenciados por filmes que tratavam do Hip Hop, como *Style Wars* (1983), *Wild Style* (1983) e *Beat Street* (1984), Magoo assistiu estes filmes numa época que ele já pintava nas ruas há algum tempo.

De 95 à 2003 o grafite virou “uma febre” para ele, todo final de semana saía para pintar, pintava escolas, ruas, etc. Esta prática deu novo sentido para a sua vida, servia de refúgio para as dificuldades e desafios travados no dia-a-dia de um garoto tímido, com poucos recursos financeiros e que tinha irmãos muito mais velhos com brincadeiras diferentes e com turmas diferentes.

Apesar da diferença de idade de nove anos entre Magoo e seu irmão, os dois começaram a pintar na mesma época e algumas vezes saíam juntos para pintar em São Paulo, nessas andanças acabaram conhecendo muita gente que fazia e ainda faz grafite, os anos noventa foi uma época que o Hip Hop estava em alta na cidade e havia diversos representantes do movimento nas ruas. Ao participar de um evento em Santo André, na grande São Paulo, onde foram reunidos diversos grafiteiros para pintar o muro do Estádio Bruno Daniel, Magoo descobriu que existiam muitas pessoas que faziam grafite, que existia uma rede em torno daquilo, “(...) que existia vida!”, começou a pensar em uma trajetória de vida com o grafite, houve aí um momento de identificação e autoconhecimento. A partir daí que ele iniciou a busca em saber o que era o grafite e conseqüentemente o que era o Hip Hop. Porém, de acordo com Magoo na época as informações eram muito restritas, quem tinha uma revista sobre o grafite ou sobre Hip Hop mostrava apenas para os amigos. Magoo relatou que não conheceu e nem frequentou nenhuma posse.

O irmão de Magoo é DJ, Magoo conheceu e dançou também com alguns grupos de Break. Existe uma pintura que Magoo elaborou com seu irmão que está documentada, segundo ele, no primeiro vídeo documentário sobre grafite no Brasil, chamado “A invasão” que foi gravado por um dos nomes mais famosos do grafite no Brasil hoje, Alex Hornest,

mais conhecido como Onesto. Magoo diz não ter nenhum vício, nem cigarro e nem bebida, e diz que isso se deve não somente a educação familiar, mas também ao Hip Hop, pois era um dos “mandamentos” do movimento o não envolvimento com drogas ou bebidas, e ele foi “convertido ao evangelho Hip Hop”. Portanto, o movimento foi uma grande descoberta para Magoo, ele conheceu diversas pessoas, entrou em contato com outros projetos individuais e com o Projeto Social, ou seja, o Hip Hop, viajou para muitos lugares através desta rede de pessoas que grafitavam no Brasil e a sua criatividade foi potencializada, além do grafite ele fez vídeos, fotos, tudo ao seu jeito, assim como foi com os seus desenhos. Em todas essas práticas artísticas Magoo não tinha alguém que lhe ensinasse, aprendeu a maior parte das coisas sozinho, ele mesmo diz que “tudo na vida foi desafio.” Desafio seguido sempre de superação, assim como aconteceu quando foi dar aula pela primeira vez. A oportunidade surgiu por conta dos seus grafites em Guarulhos, ele e seu irmão foram convidados para darem aulas de desenho no centro de Guarulhos no Espaço Cultural Florestan Fernandes. Magoo tinha dezesseis anos na época e precisou assumir sozinho as aulas porque seu irmão também trabalhava e não conseguia conciliar as duas coisas. Esta primeira experiência em sala de aula foi um pouco frustrante, porém apresentou-se também como um desafio. Juntando a sua história de vida com esta frustração em dar aula, ele pensou que se conseguisse fazer algo pelos jovens do bairro Pimentas teria um grande significado para ele.

Ele contou que em sua casa ninguém comentava sobre faculdade, o “normal” naquela vizinhança era que o jovem com dezoito anos já começasse a trabalhar. Assim, ele tentou trabalhar em algumas firmas, porém não se adaptava bem a nenhuma delas, daí então decidiu que viveria apenas de aulas de desenho. Ele não tinha nenhuma formação como educador, porém foi aprendendo com a prática, em 2000 participou de um projeto no bairro Pimentas, onde ele ensinava técnicas de desenho para os moradores do bairro. A remuneração não era muito boa, mas aquela atividade fez todo o sentido para ele, pois percebeu que através das aulas ele poderia dar outro rumo e significado para a vida de jovens que tiveram a mesma realidade que ele, ou seja, jovens que enfrentam as mesmas dificuldades de morar em um bairro de periferia, onde faltam muitos investimentos públicos, dentro de casa falta dinheiro, faltam recursos materiais e fora existe o tráfico, as drogas, bebidas, etc. Magoo mostrou a esses jovens, assim como no passado o Hip Hop mostrou para ele, que existe outro caminho onde essas dificuldades podem ser superadas, afinal foi isto que marcou a sua vida, desafio e superação. Portanto, Magoo sentiu que poderia ser uma referência para os jovens. Referência esta que ele mesmo não teve.

*(...) e eu acho que o fato de eu não ter estudado numa faculdade tenha sido o motivo de estar aqui hoje, de estar trabalhando com a educação, porque eu não tive ninguém pra me ensinar, pra conversar comigo sobre arte, não conheço ninguém na minha família que tenha uma vivência artística, não tem nenhum. (Magoo em entrevista a pesquisadora)<sup>12</sup>*

Ele diz que com as aulas não pretende formar artistas e que não tem maturidade artística para isso, mas o que ele pretende é transformar a vida desses jovens e ajudar para que eles se tornem cidadãos.

De acordo com Magoo muitos jovens ali do Pimentas vivem numa espécie de “bolha”, ele cita exemplos de alunas dele, de cerca de 14 anos que relataram que nunca tinham saído do seu Bairro, não tinham ido nem para o Centro de Guarulhos. Portanto, estes jovens são carentes de informação, mas não são carentes de criatividade, Magoo diz que existem muitos meninos e meninas aguçados para a arte e que a importância de aproximar o grafite e o Hip Hop é que através da arte o Hip Hop traz para os jovens o acesso à informação, ao conhecimento do próprio movimento e da sua repercussão no mundo, e isso poderia ser uma grande descoberta na vida de alguns deles. Porém, segundo ele, para que exista uma transformação de fato nos jovens seria necessário que o movimento como um todo estivesse presente no Bairro, assim os jovens poderiam “viver” o movimento como ele viveu, e da mesma forma que aquilo transformou a vida dele ele acredita que esta mesma experiência mudaria a vida de muitos garotos e garotas do Pimentas.

*O hip hop se resume a muito amor, união e eles (os jovens) vão conseguir seguir uma carreira, sabe? Nem que seja de artista, mas de homem assim, de um homem, uma mulher, enfim, generalizando, de um ser humano transformado mesmo, planta alguma coisinha ali dentro (...). (Magoo em entrevista a pesquisadora)<sup>13</sup>*

Magoo não concorda com as oficinas de grafite patrocinadas por órgãos do Estado, de acordo com ele essas oficinas surgiram no Brasil para combater a pichação, porém alguns anos atrás qualquer um que grafitava ou pichava um muro público era reprimido por ação policial. Para ele o grafite foi promovido porque esteticamente ele é “mais bonito”, mais colorido e para alguns padrões artísticos, o grafite se aproxima mais da arte do que a pichação. Mas, esta linha que separa o grafite da pichação é muito tênue, pois existe a mesma

---

<sup>12</sup> Informação obtida através de entrevista realizada com Magoo em Março de 2012 para a realização desta pesquisa.

<sup>13</sup> Idem.

atitude no grafiteiro e no pichador o que muda é o aspecto visual da arte. Porém, se Magoo tiver que dar aulas em um Projeto patrocinado por órgãos públicos ele não poderá dizer isso para os jovens, por isso para ele é muito difícil dar aulas de grafite em projetos de órgãos públicos.



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15

Trabalhos de Magoo no Pimentas

Como é possível observar nas pinturas de Magoo, ele não deseja fazer uma discussão direta acerca das idéias do Hip hop, ele mesmo disse na entrevista que as pinturas são para ele mesmo. E diferente de outros artistas do grafite, Magoo (ou Ilegal como assina) prefere inserir seus desenhos em paredes ou lugares que não tem quase nada, ele não pensa na questão de

disputa pelo espaço público. Porém essa escolha também é estratégica uma vez que ele disse acreditar que um desenho em um espaço que não tem quase nada em volta causa um impacto visual maior em um possível espectador, por exemplo, este pode pensar “Mas porque um grafite aqui? Ninguém vai ver!”. A pintura de Magoo, pode ser que isto não seja feito intencionalmente, acaba sendo direcionada para a comunidade local, é especialmente voltada para as pessoas que passam por aquele determinado espaço. Diferente dos outros grafiteiros, a arte de Ilegal não é exposta para um grande e variado público, mas sim por um público muito específico.

Magoo, na prática, transforma a vida de seus alunos no contato entre projetos individuais, porém a sua transformação política e social se deu através da fusão entre o seu Projeto Individual e o Projeto Social, ou seja, o Hip Hop, que ele viveu entre os anos 90 e 2000.

### **Nos muros do Pimentas**

Neste capítulo pretendo fazer um breve estudo sobre os grafites desenhados nos muros do Bairro do Pimentas.



Imagem 16



Imagem 17



Imagem 18



Imagem 19

Estas imagens, 16, 17 e 18 se encontram no mesmo muro bem próximas umas das outras unidas por um conjunto de Wild Styles e Trow Ups, as duas têm origens na tag, ou seja, a assinatura estilizada do grafiteiro. Wild Style é uma forma de escrita da tag com visual mais agressivo, com letras trançadas e pontiagudas, as Trow Ups tem formas mais arredondas e são preenchidas com poucas cores (FERREIRA, 2006).

O muro foi utilizado como um painel, ou seja, um *piece*, pedaço, onde existe uma ação feita coletivamente, geralmente nos painéis existe a mescla de letras, personagens, desenhos mais abstratos etc. (FERREIRA, 2006) Provavelmente este grupo de grafiteiros fazia um *role*, este termo designa o momento que os grafiteiros, ou pichadores, saem em grupos para intervenções na cidade (FERREIRA, 2006). O que mais me chamou a atenção foi a imagem deste personagem, na imagem 18, que tem a sua boca e o seu nariz tapados, ele apenas observa e aparentemente seu corpo esta em chamas. Pelo fato desta pintura estar em um bairro periférico ela pode gerar muitas questões para o espectador. Por que este sujeito não pode falar e nem respirar? O que representa este objeto que tapa a boca e o nariz dele? Quem é este sujeito? Se compararmos as imagens 16, 17 e 18 com as imagens que foram o resultado da oficina de grafite do Projeto Hip Hop Itinerante (p. 34), é possível perceber estas imagens nos muros do bairro Pimentas apresentam-se mais questionadoras, perturbadoras e agressivas ao espectador enquanto as imagens da oficina Hip Hop Itinerante parecem cumprir um papel ilustrativo sobre os resultados das oficinas.



Imagem 19

A imagem 19 apresenta dois *Bombs*, ou seja, pinturas não autorizadas no espaço urbano (FERREIRA, 2006). Apesar da agressividade da atitude e das palavras utilizadas, “Restos” e



“É crime”, estas palavras, que podem ser nomes de *Crews*, elas não estão escritas em um estilo agressivo (Wild Style), ao contrário suas letras apresentam-se mais arredondadas dando até mesmo uma aparência divertida para a pintura, pois é semelhante a letras utilizadas em desenhos animados. O que causa um impacto ao espectador, pois cria uma imagem agradável e divertida ao primeiro olhar, mas ao prestar atenção nas palavras que são carregadas de uma carga simbólica negativa existe então um sentimento de contradição. Que grupo de pessoas gostaria de ser reconhecido por estes nomes?

As imagens do número 16 ao19 referem-se às pinturas encontradas na Estrada do Capão Bonito, rua onde circulam diversos ônibus, municipais e intermunicipais. Portanto estas imagens foram feitas com a pretensão de serem observadas por um grande e variado público.



Imagem 20

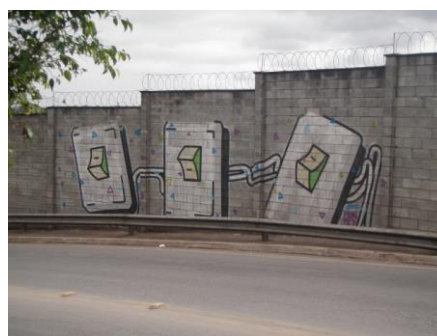


Imagem 21

As imagens 20 e 21 são também Bombs e parecem ter uma proposta semelhante, as duas estão em estradas onde muitos carros, caminhões, motos passam, mas com pouco ou nenhum pedestre. Assim como as pinturas de Magoo, elas não pretendem passar um recado do Hip hop, porém parecem incitar alguma ação daquele que observa a pintura, especialmente por causa da frase “Aperte aqui!” que aparece na imagem 20 ou também existe a possibilidade destes grafites estarem dialogando diretamente com aquele espaço urbano, talvez estes grafites estejam criticando a falta de iluminação do bairro. Mas não apenas a iluminação das ruas e praças, mas também a iluminação das idéias e ações dos moradores do Bairro.



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24

Nas imagens acima (22 a 24) estão intervenções feitas nos muros próximos ao Conjunto Habitacional Marcos Freire, existe grande movimentação de pessoas frente a estas imagens. Mas, como é possível notar estas imagens apresentam-se um tanto deterioradas e quase apagadas pela ação do tempo. A imagem 24 aparece no canto direito da imagem 23, é possível perceber que a imagem deseja destacar o nome da Crew, ou grupo que realizou este trabalho. Ao andar pelo bairro percebi que a maior parte dos grafites encontravam-se assim, muito danificados pela ação do tempo, isto mostra que atualmente no bairro existem poucos grafiteiros pintando os muros do bairro.

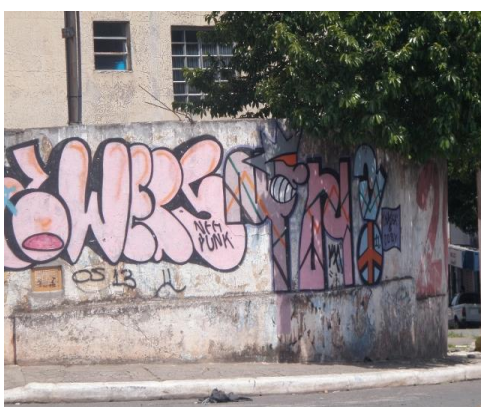


Imagem 25



Imagem 26





Imagem 27



Imagem 28

Estão presentes no Bairro grafites que pretendem registrar a passagem do(s) grafiteiro(s) pelo local, as imagens 25 e 26 foram produzidas pelo mesmo grafiteiro(s), é possível ver outras pinturas suas em diversos pontos de São Paulo, tanto no centro como na Grande São Paulo. A imagem 28 é uma tomada, uma vez em conversa com Guinho, ele relatou que é amigo de um grafiteiro apelidado de Tomada que passou a desenhar uma tomada em todas as suas intervenções urbanas, deixando no local a sua marca. Ao fazer isto é como se o artista de rua estivesse tomando a cidade para si, de certa maneira, ele se apropria daquele espaço urbano. O grafite é efêmero, porém enquanto o desenho estiver no muro a comunidade do grafite irá reconhecer que aquele grafiteiro esteve naquele local e deixou sua marca, assim como acontece na pichação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo de campo, em busca de eventos de Hip Hop no bairro Pimentas, ficou visível que o movimento Hip Hop como um todo, apresenta-se bastante fragmentado, os eventos que levam o nome do movimento, geralmente são restritos apenas um dos elementos, não presenciei e nem cheguei ao meu conhecimento um evento que estivessem presentes o Rap, o Grafite e o Break. Na ausência de lugares e organizações que articulem estes representantes do movimento, como por exemplo, o papel das Posses nos anos 90, os agentes organizadores dos eventos “Hip Hop” do bairro são as ONGs ou os órgãos governamentais, porém as ONGs têm outros papéis a cumprir dentro da comunidade, não esta a cargo delas promoverem o movimento Hip Hop. Já os órgãos governamentais não promovem o Hip Hop como um movimento político, eles apenas destacam seus aspectos culturais, artísticos e

algumas questões sociais. Portanto, no bairro Pimentas não existe uma organização responsável por reunir os representantes e divulgar o Hip Hop, o que existe são praticantes que em algum momento de suas vidas se envolveram com o Hip Hop e agora atuam no Bairro com a prática cultural do Hip Hop que adotou para si. Nem sempre ao ensinar o Rap, o Break ou o Grafite, ele irá dialogar sobre o Hip Hop com o aprendiz. Este diálogo pode se fazer de maneira indireta, como foram os casos de Guinho e Magoo, citados na pesquisa. Ambos ao ensinarem, Guinho ensinando técnicas de Grafite e Magoo técnicas de desenho, tiveram com os alunos um contato, uma proximidade que abriu um espaço de diálogo muito importante, onde conversaram com os jovens aprendizes sobre diversos assuntos relacionados ao movimento Hip Hop, como por exemplo: preconceito, valorização da auto estima, dificuldades de viver em um bairro de periferia, questão da exclusão social, etc. Em suas vidas particulares, Guinho e Magoo viveram o Hip Hop, portanto o projeto individual de ambos entrou em contato diretamente com o Projeto Social que é o Hip Hop.

Em entrevista com Magoo foi possível perceber que o Hip Hop lhe trouxe elementos e significados que ajudaram na sua transformação individual, política e social. A partir da própria ação de grafitar, Magoo passou a agir no espaço público disputando o espaço público com as autoridades e ao mesmo tempo o movimento Hip Hop lhe deu uma visão de um possível lugar social, o fez sentir-se participante de uma rede de grafiteiros e do movimento Hip Hop de maneira geral. Hoje, seja através do Grafite, seja através de suas aulas ele consegue interferir na vida dos jovens do Bairro e tornar-se referência para eles. Portanto, o Hip Hop apresentou-se para Magoo como um projeto social, pois este movimento deu sentido as suas emoções e sentimentos individuais, ou seja, a experiência individual. Assim ele construiu um novo Projeto individual com potencial de transformação, pois o Hip Hop lhe mostrou que fazia parte da sociedade, dentro do grupo dos grafiteiros e dos integrantes do Hip Hop. E também com o Hip Hop Magoo percebeu que poderia agir e interferir na formação dos jovens na perspectiva da construção de uma cidadania.

Em relação aos dois Projetos estudados podemos dizer que os grafites no Projeto “Escola de Hip Hop Itinerante” serviram de canal para a discussão social, mas nem tanto política. É possível dizer que as pinturas destes jovens estavam em local público, por isso é político, pois existe uma ação no espaço público. Contudo, por ser um espaço autorizado, ele não entra em choque diretamente com o poder público, então não existe aí a questão da transgressão e nem de disputa de poder. Não podemos esquecer também que o poder público incentiva a prática do grafite como forma de evitar a pichação. Porém, em relação à discussão social é possível afirmar que houve sim uma transformação no Projeto Individual dos jovens

uma vez que o novo projeto se transformou em algo público. Portanto, eles construíram um novo Projeto individual articulado com um Projeto Social que lhe foi apresentado, neste caso o Hip Hop, pois as pinturas trazem a carga simbólica contidas neste movimento.

Já no “É tudo nosso!” Os jovens discutiam questões políticas e sociais com os oficinairos, mas não havia uma clara articulação entre estas discussões e o Hip Hop ou o grafite. De forma que no trabalho final não apresentaram elementos da discussão política e social do Hip Hop. Os jovens não perceberam o grafite como instrumento de expressão do movimento. Portanto, houve a elaboração de novos Projetos individuais a partir do momento que o jovem entrou em contato com outros Projetos individuais como o do professor. No entanto o jovem não entrou em contato diretamente com a carga simbólica do Projeto Social Hip Hop, assim seus trabalhos finais não apresentavam elementos dessa discussão.

Hoje no Bairro dos Pimentas, o Hip Hop como movimento e projeto social apresenta-se fragmentado. Desta forma, percebemos que o processo de formação política também é mais difuso, mais voltado às questões de vivências coletivas compartilhadas pelos jovens e que não necessariamente estariam ligadas ao projeto social do Hip Hop. Deste, o que ainda tem forte presença são as expressões artísticas e, nesse sentido, a arte figura como canal de expressão individual, mas também de comunicação. O dialogo que pude perceber entre as práticas culturais e mobilização social e política permanecem como pano de fundo quando se discute, mesmo que informalmente, a intervenção no espaço urbano e a arte como forma legítima de expressão individual e coletiva. A formação política aqui se dá na abertura de novos horizontes para essa expressividade e também pela abertura de um lugar para discussão dos temas individuais e sociais compartilhados no cotidiano.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP pela concessão da bolsa, ela me auxiliou na continuidade dos estudos acadêmicos e na pesquisa.

Agradeço imensamente à minha Professora e Orientadora Andréa, pelo apoio, incentivo e alegria com os quais me orientou nesta pesquisa, muito obrigada.

Muito Obrigada aos meus amigos, companheiros que tornaram a nossa difícil experiência de formação muito melhor. Que compartilharam comigo as dificuldades vividas por todos e que mesmo assim conseguimos manter o bom humor e a amizade sempre. Aprendi muito com vocês, são pessoas exemplares. A vocês: Fabiana, Sarah, Thaís, Clarissa, Ana Lídia, Bárbara, Fernandinha, Natália, Juliane, Érika, Carla, Samuel, Paulo, Luiz, Lucas, muito obrigada.

Agradeço aos meus Pais que apesar de nem sempre concordarem comigo me apoiarem mesmo assim. Agradeço também aos meus irmãos, Miriam, Sérgio e Lúcia que sempre me ouviram e apoiaram. Agradeço a minha linda sobrinha Júlia que alegra meus dias com seus sorrisos e gargalhadas. Agradeço à Marlene que sempre ajudou a cuidar de mim da minha família.

Um agradecimento especial a alguém que sempre me apoiou e esteve ao meu lado, ouviu todas as minhas reclamações e angústia com companheirismo e paciência, acompanhou e compartilhou comigo o processo desta pesquisa, que me faz rir quando estou nervosa, que me mostra que a vida é muito maior do que pensamos, muito obrigada Daniel Vicentini.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Júlia. O recado controverso do Grafite Contemporâneo. In: Contemporanea – Revista de comunicação e cultura, vol. 6, nº 1, 2008.

BARBOSA, Andrea. Imagens e memórias na construção de uma experiência da e na cidade de São Paulo. Revista Cadernos de Antropologia e Imagem. N.22, Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UFRJ,, 2006

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. “All City”- Graffiti Europeu como modo de comunicação e transgressão no meio urbano. In: Revista de Antropologia. Volume 52 nº1, 2009.

\_\_\_\_\_. Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica do Graffiti Urbano. Ed. Fim do século, 2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de educação. Nº 24, 2003

FERREIRA, Lucas Tavares. O traçado das redes: etnografia dos grafiteiros e a sociabilidade na metrópole. Dissertação de mestrado. – Universidade Federal de São Carlos- UFSC, 2006.

GUASCO, Pedro Paulo M. Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo. Dissertação de mestrado, PPGAS – USP, 2001.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. CAD. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, 2002.

MATOS, Fernanda Conceição. Lazer nos Pimentas: Estudo sobre as formas de apropriação do espaço público em um bairro “periférico”. Monografia. Guarulhos- SP. Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Escola de Filosofia Letras e Ciências Sociais, 2010.

PINHEIRO, Luizan. Grafite: submissão, asfixia e blá, blá, blá. ANPAP-16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – Florianópolis, 2007.

POR TRÁS DOS MUROS. HORIZONTES SOCIAIS DO GRAFFITI. Org. Graziela Bedoian e Kátia Menezes. São Paulo. Peirópolis, 2008.

ROSE, Trícia. Um estilo que ninguém segura: Política, estilo e a cidade pós- industrial no Hip Hop. In: HERSCHMANN. Micael (org.). Abalando os anos 90: funk e hip-hop-globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SÁ, Bárbara Cristina. Pimentas e suas imagens: Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um bairro "periférico" da cidade de Guarulhos. Monografia. Guarulhos-SP. Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Escola de Filosofia Letras e Ciências Sociais, 2010.

SILVA- E- SILVA, Willian. Intervenção parietal contemporânea: o graffiti carioca e a contra cultura. In: ' Usos do passado' – XII Encontro Regional de História ANPUH- RJ, 2006.

\_\_\_\_\_. Identidade e território, uma dialética possível da Nação ao graffiteiro. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, Nº25, Rio, 2008.

SILVA, José Carlos Gomes da. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. Tese de doutorado. Campinas, SP . Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

SIQUEIRA, Cristiano Tierno. Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no Hip Hop de São Carlos. Dissertação. São Carlos- SP. Universidade Federal de São Carlos- UFSC. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós- Graduação em Educação, 2004.

SUBWAY ART. Org. Martha Cooper e Henry Chalfant. Owl Books, Henry Holt and company, LLC. New York, 1984.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1981.

#### **Sites utilizados:**

<http://subsoloart.com/blog/2009/06/alex-vallauri-e-um-pouco-do-inicio-graffiti-no-brasil/>

<http://www.alphabetscityblog.com/2008/12/1970s-nyc-subway-graffiti.html>

<http://www.amoeba.com/blog/2009/07/jamoeblog/subway-art-photograper-henry-chalfant-interview.html>

<http://www.doobybrain.com/2009/06/12/subway-art-on-the-new-york-times-lens-blog/>

<http://www.vagalume.com.br/rationais-mcs/to-ouvindo-alguem-me-chamar.html#ixzz26MC1VuNy>

## ANEXOS

### Letra da Música dos Racionais Mc's e a Crônica utilizadas na oficina de Panikinho

#### Tô Ouvindo Alguém Me Chamar

##### Racionais Mc's

(Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você)  
Tô ouvindo alguém gritar meu nome.  
Parece um mano meu, é voz de homem.  
Eu não consigo ver quem me chama.  
É tipo a voz do Guina .  
Não, não, não, o Guina tá em cana.  
Será? Ouvi dizer que morreu.  
Última vez que eu o vi, eu lembro até que eu não quis ir, ele foi.  
Parceria forte aqui era nós dois.  
Louco, louco, louco e como era.  
Cheirava pra caralho, (vixe) sem miséria.  
Doido ponta firme.  
Foi professor no crime.  
Também maior sangue frio, não dava boi pra ninguém(Hamm...)  
Putaquele mano era foda.  
Só moto nervosa.  
Só mina da hora.  
Só roupa da moda.  
Deu uma pá de blusa pra mim.  
Naquela fita na butique do Itaim.  
Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim.  
Vida de ladrão, não é tão ruim.  
Pensei, entrei no outro assalto pulei, pronto, aí o Guina deu mó ponto:  
- Aí é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão...!  
- Aí filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!  
- Mais eu ofereço o cofre mano, o cofre, o cofre.....  
- Vamo lá que o bicho vai pegar!

Pela primeira vez vi o sistema aos meu pés.  
Apavorei, desempenho nota dez.  
Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto.  
O segurança tentou ser mais esperto, então.  
Foi defender o patrimônio do playboy, cuzão. (tiros)  
Não vai dar mais pra ser super-heroi.  
Se o seguro vai cobrir (hehe), foda-se, e daí ?  
Hamm... O Guina não tinha dó.  
Se reagir, bum, vira pó.  
Sinto a garganta ressecada.  
E a minha vida escorrer pela escada  
Mas se eu sair daqui eu vou mudar

Eu to ouvindo alguém me chamar

Tinha um maluco lá na rua de trás.  
Que tava com moral até demais.  
Ladrão, ladrão, e dos bons.  
Especialista em invadir mansão.  
Comprava brinquedo a reviria.  
Chamava a molecada e distribuía.  
Sempre que eu via ele tava só.  
O cara é gente fina mas eu sou melhor.  
Eu aqui na pior, ele tem o que eu quero.  
Jóia escondida e uma 380.  
Num desbaratino ele até se crescia.  
Se páh, ignorava até que eu existia.  
Tem um brilho na janela, é então.  
A bola da vez tá vendo televisão.  
(Psiu.... Vamo, vai, entramo)

Guina no portão, eu e mais um mano.  
- Como é que é neguinho?  
Humm.... Se dirigia a mim, e ria, ria, como se eu não fosse nada.  
Ria, como fosse ter virada.  
Estava em jogo, meu nome e atitude. (tiros)  
Era uma vez Robin Hood.  
Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto.  
Tipo me olhando, Hee, me jurando.  
Eu tava bem de perto e acertei os seis.  
O Guina foi e deu mais três.  
Lembro que um dia o Guina me falou.  
Que não sabia bem o que era amor.  
Falava quando era criança.  
Uma mistura de ódio, frustração e dor.  
De como era humilhante ir pra escola.  
Usando a roupa dada de esmola.  
De ter um pai inútil, digno de dó.  
Mais um bêbado, filho da puta e só.  
Sempre a mesma merda, todo dia igual  
Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal.  
Longe dos cadernos, bem depois.  
A primeira mulher e o 22.  
Prestou vestibular no assalto do busão.  
Numa agência bancária se formou ladrão.  
Não, não se sente mais inferior.  
Aí neguinho, agora eu tenho o meu valor.  
Guina, eu tinha mó admiração, ó.  
Considerava mais do que meu próprio irmão, ó.  
Ele tinha um certo dom pra comandar.  
Tipo, linha de frente em qualquer lugar.  
Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal.  
Talvez em uma multinacional.  
É foda, pensando bem que desperdício.



Aqui na área acontece muito disso.  
Inteligência e personalidade, mofando atrás da porra de uma grade.  
Eu só queria ter moral e mais nada.  
Mostrar pro meu irmão.  
Pros cara da quebrada.  
Uma caranga e uma mina de esquema.  
Algum dinheiro resolvia o meu problema.  
O que eu tô fazendo aqui?  
Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão.  
Uma criança chorando e eu com um revólver na mão.  
Ou era um quadro do terror, e eu que fui ao autor.  
Agora é tarde, eu já não podia mais.  
Parar com tudo, nem tentar voltar atrás.  
Mas no fundo, mano, eu sabia.  
Que essa porra ia zoa minha vida um dia.  
Me olhei no espelho e não reconheci.  
Estava enlouquecendo, não podia mais dormir.  
Preciso ir até o fim.  
Será que Deus ainda olha pra mim?  
Eu sonho toda madrugada.  
Com criança chorando e alguém dando risada.  
Não confiava nem na minha própria sombra.  
Mas segurava a minha onda.  
Sonhei que uma mulher me falou, eu não sei o lugar.  
Que um conhecido meu (quem?) ia me matar.  
Precisava acalmar a adrenalina.  
Precisava parar com a cocaína.  
Não to sentindo meu braço.  
Nem me mexer da cintura pra baixo  
Ninguém na multidão vem me ajudar.  
Que sede da porra, eu preciso respirar.  
Cadê meu irmão?

Eu to ouvindo alguém me chamar (2x)

Nunca mais vi meu irmão.  
Diz que ele pergunta de mim, não sei não.  
A gente nunca teve muito a ver.  
Outra idéia, outro rolê.  
Os malucos lá do bairro.  
Já falava de revólver, droga, carro.  
Pela janela da classe eu olhava lá fora.  
A rua me atraía mais do que a escola.  
Fiz dezessete, tinha que sobreviver.  
Agora eu era um homem.  
Tinha que correr.  
No mundão você vale o que tem.  
Eu não podia contar com ninguém.  
Cuzão, fica você com seu sonho de doutor.  
Quando acordar cê me avisa, morô?

Eu e meu irmão, era como óleo e água.  
Quando eu sai de casa trouxe muita mágoa.  
Isso há mais ou menos seis anos atrás.  
Porra, mó saudade do meu pai!  
Me chamaram para roubar um posto.  
Eu tava duro, era mês de Agosto.  
Mais ou menos três e meia, luz do dia.  
Tudo fácil demais, só tinha um vigia.  
Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém viu.  
Atiraram na gente, o moleque caiu.  
Prometi pra mim mesmo, era a última vez.  
Porra, ele só tinha dezesseis.  
Não, não, não, tô afim de parar.  
Mudar de vida, ir pra outro lugar.  
Um emprego decente, sei lá.  
Talvez eu volte a estudar.  
Dormir a noite era difícil pra mim.  
Medo, pensamento ruim.  
Ainda ouço gargalhadas, choro e vozes  
A noite era longa, mó neurose.  
Tem uns malucos atrás de mim.  
Qual é? Eu nem sei.  
Diz que o Guina tá em cana e eu que caguetei.  
Logo quem, logo eu, olha só, ó.  
Que sempre segurei os B.O.  
Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!  
Mas eu não to com esse dinheiro que os cara quer.  
Maior que o medo, o que eu tinha era decepção.  
A traiagem, a pilantragem, a traição.  
Meus aliado, meus mano, meus parceiro.  
Querendo me matar por dinheiro.  
Vivi sete anos em vão.  
Tudo que eu acreditava não tem mais razão, não.  
Meu sobrinho nasceu.  
Diz que o rosto dele é parecido com o meu.  
Hee, diz, um pivete eu sempre quis.  
Meu irmão merece ser feliz.  
Deve estar a essa altura.  
Bem perto de fazer a formatura.  
Acho que é direito, advocacia.  
Acho que era isso que ele queria.  
Sinceramente eu me sinto feliz.  
Graças a Deus, não fez o que eu fiz.  
Minha finada mãe, proteja o seu menino.  
O diabo agora guia o meu destino.  
Se o Júri for generoso comigo.  
Quinze anos para cada latrocínio  
Sem dinheiro pra me defender.  
Homem morto, cagueta, sem ser.  
Que se foda, deixa acontecer

Não há mais nada a fazer.  
Essa noite eu resolvi sair.  
Tava calor demais, não dava pra dormir.  
Ia levar meu canhão, sei lá, decidi que não.  
É rapidinho, não tem precisão.  
Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar.  
Acabou meu cigarro, vou até o bar.  
( E aí, como é que é, e aquela lá ó?)  
To devagar, to devagar.  
Tem uns baratos que não dá pra perceber.  
Que tem mó valor e você não vê.  
Uma pá de árvore na praça, as crianças na rua.  
O vento fresco na cara, as estrela, a lua.  
Dez minutos atrás, foi como uma premonição.  
Dois moleques caminharam em minha direção.  
Não vou correr, eu sei do que se trata.  
Se é isso que eles querem.  
Então vem, me mata.  
Disse algum barato pra mim que eu não escutei.  
Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei.  
Uma 380 prateada, que eu mesmo dei.  
Um moleque novato com a cara assustada  
(Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você)  
Mas depois do quarto tiro eu não vi mais nada.  
Sinto a roupa grudada no corpo.  
Eu quero viver, não posso estar morto.  
Mas se eu sair daqui eu vou mudar.  
Eu tô ouvindo alguém me chamar.

## Matemática de Favela

Eu fui fazer um pacto com o diabo, mas ele disse pra entrar na fila, número 432 era minha senha. Na fila trombei vários empresários, políticos e até alguns artistas, mas legal foi conversar com o príncipe sombrio dos desenhos animados, que ganhou milhões e me disse que seu hobby agora é iludir favelado.

Outro artista que tava do meu lado disse que a moda é rebolar, cheirar e voltar pro barraco. Falando em barraco trombei um robô do Estado, que diz que não precisa atirar em nenhum favelado, afinal com a ajuda da TV o povo já tá nivelado por baixo, um zero à esquerda e mais nada.

Então saí da fila e fui pra faculdade, aprendi rapidão a fazer conta: 10 conto no bolso, um sorriso no rosto, 10 segundos depois o nariz cheio de pó de arroz de novo. Conte 5 querendo cheirar a tristeza do bairro inteiro, mais 1 foi fumando a dor da desunião da família no bueiro, menos 3 que foram beber a saudade daquela linda menina cega, que gostava do ladrão e engravidou na cela, e conheço 238 que perderam alguém que admirava, mais 111 que pagaram o preço de ver a vida sendo tirada.

A matemática sádica prossegue, hipócrita tá na minha memória, de 4 em 4 sai do castelo pra sugar a nossa história, incalculável é ver político vampiro, cova é seu lugar.

Pra somar o exemplo do nosso cidadão: não pode ser drogado, nem regado a cerveja, nem enrolando um baseado; curtir a música onde se estimula a meninda de 12, é não querer prever solução para a quebrada de hoje.

A conta avança, acende 1, seu ídolo usa o bagulho, você manda na substância, acredita que isso é o mundo.

Quem tiver a melhor opção é só apresentar, porque toda igreja tá ah...deixa eu ver... 2.000 anos esperando Jesus voltar.

Trinta segundos de imagem, abraça a criança, conta vantagem, cospe a mentira, diz que faz parte da comunidade. Desligado, vou pagar o boleto bancário.

Incontável. Abandonado está o favelado, sem ninguém para mostrar o seu lado. Já que o funk ruim prostitui e contamina um milhão de barracos, pornografia pra deixar o povo alienado.

Lutamos por tanto espaço, quando conseguimos a mídia só divulga o que humilha o favelado, o que faz a menina querer ser prostituta ao invés de professora, a conta prossegue e não é boa.

Na aritmética, fraco não alcança meta, essa é a lei de conduta da era massacrante moderna, onde o amor ficou do lado de fora, com a empregada de uniforme expulsa da loja.

Divisão acontece, mas acompanha a conta pra ver se não se perde.

Quem agora vai defender o menino que dorme na rua, não é a Ivete Sangalo no Maracanã estimulando a prostituição, mostrando pra menina da comunidade que estudo não é nada, comparado à vida artística da televisão.

O menino tem como multiplicador o grupo feique da mídia, uma massa de rebolar movida a farinha. A isca está jogada, e quem você acha que vai comer?

Papai, o que eu vou ser quando crescer? Sei lá, inventa uma rima pobre pra pobre rebolar, ou se pá, vai estudar, se candidatar e o mesmo pobre poder roubar.

Tá muito fácil hoje saber quem se vendeu, porque no palco se cala, ou improvisa pregando Deus.

Faz assim, 2 mais 2 é mais quatro anos ruins.

É muito fácil mostrar essa alternativa, com o desespero do jornalismo canalha século após século dizendo que ele chegaria.

Divida isso, enquanto o povo é conduzido e guiado por falso sorriso. Some mais isso. Hipocrisia do empresário safado. Agora subtraia assim. Enquanto o representante do jovem posa de cerveja na mão no horário nobre. Multiplique enfim, o traficante é o psicólogo do pobre.

Papai, o que eu vou ser quando crescer?

Sei lá, só não estuda a tabuada, pra não ver a nossa conta subtraída, e enxergar a realidade da manada, nosso povo tá um zero à esquerda e mais nada.

*(Ferréz é escritor, e estuda matemática nas horas vagas para entender a realidade)*